

A revista de Espiritismo

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Paleotécnica
Metapsíquica
Esoterismo
Ética

Julho-Agosto
ANO III - 1929



Desenho xilográfico fluidico, obtido por apport mediúnico figurando S. Francisco de Assis.
Médium Luigi Bellotti

4

SUMARIO: O ABC do Espiritismo — DR.^ª AMÉLIA CARDIA; Os fenómenos ritoides, a sobrevivência e a imortalidade — X; A Psicoterapia — AUGUSTO FLORES; Exegese filosófico-metafísica do Espiritismo — QUINTÍN LÓPEZ; O domínio dos factos — ZANELLI CALDAS; O Evangelho do futuro — ISIDORO DUARTE SANTANA; Inquérito, VII — MARIA O'NEILL; O Espiritismo e a Arte: Médiuns pintores, IV — P. CARDIA; A Esc...

Revista de Espiritismo

Metapsíquica-Esoterismo

Hipnomagnetismo-Etica

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Editor: — José Pereira Serra

Administradores: { António Castanheira de Moura
Policarpo Salvador de Almeida

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — LISBOA

Comissão Directiva: Dr. António J. Freire — António L. Vilela.

Secretário de Redacção: Pedro Cardia.

Redactores: D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni Lacombe — D. Quintin López Gomez — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Pedro Carreira Dias de Sousa — A. A. de Freitas e Silva — Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.

ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — Praça dos Restauradores, 17

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

ESPAÑHA — Agente geral: DON JUAN TORRAS SERRA — Avenida 11 de Novembro, 81 — Sabadell — Barcelona

BRASIL — Agente geral: JOSÉ TOMAZ DE LIMA — Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

FRANÇA — Agente geral: MANUEL DE COSTA SOARES — Rue des Bernardins, 9 — Paris (V.^o)

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Comp. e Imp.
TIP. CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

O ABC do Espiritismo

Dotado da superior faculdade da Razão, que o distingue de todos os outros animais, personificando-o, o homem — a asserção poderá parecer à primeira vista paradoxal, mas é profundamente verdadeira — é escravo submisso dessa força, a cujo império só podem subtraí-lo as trevas caliginosas da demência; e é senhor libérrimo, em virtude da mesma força que lhe confere absoluta independência e lhe incute valor na revolta contra a imposição forçada de qualquer jugo, contra toda a sujeição que não seja a que fôr devida às leis que ela própria, para o reger, decretou.

E' no exercício dessa faculdade, à luz da qual pode discriminar o real do aparente, o eterno do efémero, que o homem submete o seu intellecto à disciplina mental que o orienta no estudo dos princípios de qualquer doutrina; e quando os reconhece susceptíveis de satisfazer as necessidades do seu espírito, sequioso de verdade, dócil e fatalmente a abraça. Satisfaz a estas condições a doutrina spiritista, em que o lúcido e profundo espírito de Allan Kardec englobou, após detido estudo, num todo harmónico, as conseqüências deduzidas de numerosos factos insólitos dispersos, manifestados em diversas partes do mundo, filiando-os, embora as suas leis fôsem insufficientemente conhecidas, no conjunto das leis gerais do Universo, quando podiam ser racionalmente abrangidos por elas sem restrição, abandonando e reservando, os que a essas leis derogavam, para ulteriores investigações.

Foi assim que o Mestre, por um trabalho cuidadosamente metodizado, organizou e codificou, nos meados do século XIX, um corpo de doutrina que é simultâneamente filosofia, religião, sciência, e de que todos podemos tomar conhecimento na vasta obra que deixou escrita e que tornou o seu nome venerado pela grande família spiritista, como o do patriarca do Espiritismo, doutrina exposta por êle com tal clareza e simplicidade que nenhuma iniciação secreta exige para ser compreendida. De facto, nenhum requisito especial é preciso, a não ser a leitura atenta dos seus códigos, para se abraçar de coração aberto êsse Ideal sublime, ressurgimento dos preceitos do cristianismo primitivo, prègado e exemplificado por Jesus, durante o desempenho da sua altíssima missão na Terra.

Nos livros de Allan Kardec encontram-se compendiados os princípios elementares dessa benfazeja filosofia, de que a moral é a principal finalidade: — Crença na existência duma causa suprema do Universo, Deus, revelado à consciência dos homens pelos efeitos da sua onnipotência e da sua omniscência, patentes na sua obra grandiosa; crença na existência, origem divina e immortalidade da alma que pela sensibilidade, intelligência e vontade se manifesta, mantendo o eu a sua individualidade própria e evolucionando se perpètuamente sob a lei imutável do progresso; crença na solidariedade hu-

mana, que implica a responsabilidade moral de todos os nossos sentimentos, pensamentos e actos, cuja repercussão se faz sentir reciprocamente entre todas as almas, unidas estreitamente entre si por íntimas relações, ignoradas durante a existência terrena, como elementos componentes dum todo inseparável; a crença numa série de existências terrenas sucessivas, durante as quais o «eu» vive temporariamente incarnado, a-fim-de precisar e desenvolver as aquisições da sua virtude e do seu saber alcançados nas suas vidas anteriores; finalmente a crença na comunicação entre as almas corporizadas fisicamente e as desincarnadas, sempre que haja possibilidade de se estabelecer a intercomunhão dos seus psiquismos. Uma só condição é necessária à percepção destes princípios: que os abordemos com o ânimo liberto de qualquer ordem de preconceitos de escola, fazendo tábua rasa de todos os erros que se insinuaram na nossa educação, e baseados apenas no conhecimento de nós próprios, sem o qual seríamos insusceptíveis de compreender o sentido de qualquer das manifestações de vida, dispersa na natureza.

A nossa personalidade, tal como se nos revela aos sentidos, é apenas uma aparência transitória. A entidade integral que nos constitui, é a união íntima, indissolúvel de dois elementos essenciais de natureza diferente, extremamente complexa, inseparáveis enquanto vivemos na Terra; um princípio imaterial, imperecível, cuja duração nem o nascimento nem a morte física limita, eterno, indestrutível, uno — o espírito; e uma substância material, variável nos elementos da sua contextura, que são incessantemente renovados, perecível, vasada num molde fixo, a unidade visível, tangível, que à nossa observação superficial se revela — a matéria, que constitui o nosso corpo.

Sendo estes dois elementos de natureza diferente, só podem ligar-se entre si por meio duma substância que participe da essência de ambos, portanto, semi-flúídica e semi-material. Transmissora das relações entre corpo e espírito, envólucro inseparável deste, através de toda a evolução humana, esse meio de união denomina-se por isso mesmo, *perispírito*, *corpo anímico* ou *corpo astral*. O que se chama *alma* é o conjunto inseparável de corpo anímico e espírito.

Assim, formando o homem, individualmente considerado, estão reunidos no seu sêr, o corpo físico e a alma, constituindo fundamentalmente uma dualidade na unidade física aparente de que os nossos grosseiros sentidos, aliás de surpreendente delicadeza, podem dar testemunho. Mas a ilusão é completa para aqueles a quem insuficiente cultura interior não permite ainda descer da observação superficial ao âmago das cousas. A interpenetração desses dois elementos é tão perfeita, as suas relações íntimas tão estreitas que as suas recíprocas reacções se confundem numa espécie de interdependência, sofrendo ou gozando a alma quando no corpo se suspendem algumas das suas funções normais ou se exercem com mais salutar actividade, perturbando-se, deprimindo-se estas, quando a alma sofre, vitalizando-se, quando a alma rejubila num contentamento interior.

Daqui se infere o importante corolário de que devemos empregar o máximo esforço em desenvolver as faculdades superiores da alma conjuntamente com as energias físicas do corpo, salvaguardando cuidadosamente os inapreciáveis tesouros pelos quais somos responsáveis, isto é, mantê-los na mais equilibrada normalidade, a-fim-de que possamos colhêr das nossas múltiplas actividades conjugadas um resultado profícuo.

Por dois meios se nos pode tornar conhecida a dualidade do nosso sêr: pela intuição, produto duma faculdade inconsciente da alma, obscuro pressentimento, que apenas pode dar-nos uma noção vaga, imprecisa, da nossa natureza espiritual, mas que, voz interior insofismável, cala profunda-

mente no nosso fôro íntimo; e pela razão, exercida conscientemente sôbre todas as nossas manifestações de vida, e incitada, pela imperiosa necessidade de certeza do nosso espírito, a precisar rigorosamente, sem descanso, e definir, até os esclarecer a fundo, os conhecimentos obtidos pela observação. Da realidade incontroversa dos conhecimentos obtidos por êste meio, deduzido de todas as modalidades do sêr humano, nas suas manifestações, afirmadas, confirmadas e autenticadas por idôneos e austeros pensadores, concluimos que o homem é uma dualidade constituída por espírito e matéria.

Esta asserção, por assim dizer, axiomática, é o primeiro princípio de que precisamos compenetrar-nos para podermos compreender, não só as várias formas da nossa actividade material e espiritual, mas também a dos sêres que nos rodeiam, as fôrças do universo inteiro, percepção que nos permite regular e metodizar a nossa acção terrena, em perfeita harmonia com ela.

Mas, se eu sei, com absoluta certeza, que uma parte de mim mesmo, o meu corpo, está fatalmente condenado a perecer, e que, após a crise física a que chamamos morte e de que nenhum sêr organizado pode isentar-se, se decomporá (porque tenho visto o que sucede aos despojos dos meus semelhantes) se diluirá em putrilagem e será sede de reacções que isolarão todos os princípios químicos elementares de que êle se compõe, os farão entrar no colossal laboratório da natureza para tomarem parte na composição de novos corpos — concreções minerais, produtos cristalinos, ar, água, ou matéria organizada, sêr animado, árvore, flor, perfume; se, por outra parte, eu tenho a convicção inabalável de que é imortal o princípio espiritual que me anima, que me comunica a sensibilidade, a intelectualidade e a fôrça de me determinar,—o meu maior empenho, provocado indubitavelmente pelo egoismo latente que tem em nós a fôrça imperativa dum instinto, não poderá deixar de ser o de melhorar, por todos os meios ao meu alcance e em meu próprio proveito, as condições da perene existência dêsse princípio que em mim não morre, que constitui e perpetuará o meu *eu*, a minha individualidade própria.

Como posso eu melhorá-las?— Dum modo único: depurando a minha alma. Libertando-a de todas as influências que sôbre ela possam exercer as ambiências nefastas, a começar pelas do meu próprio corpo, profundamente deletérias, se eu o abandonar sem govêrno à prática de preceitos arbitrários, errôneos, ao abuso de sensações deleitosas, à tibieza duma vontade indecisa e claudicante, desvios que forçosamente perturbarão o meu equilíbrio vital, *ipso facto* a tranqüilidade que deve reinar no meu meio astral, como condição indispensável ao trabalho do meu espírito.

E' a nossa razão, pois, estimulada pelo instinto, iluminada pela reflexão, que nos impõe a cultura esmerada do nosso meio interior, em representações mentais exactas dos objectos e dos sêres que nos circundam, das suas qualidades e correlações em que se encontram e que são outras tantas mensagens do mundo exterior, oferecidas como subsídio à nossa concepção geral da vida e do Universo. Concepção racional que nos mostra dum modo claro a interdependência dos sêres, ligados todos entre si como elos vivos e activos duma infindável cadeia; as acções e reacções de cada um nela se repercutem, comunicando inevitavelmente a todos os outros influxos funestos ou benéficos; de modo que um sentimento mau ou bom no nosso mundo anímico, no nosso espaço mental, um pensamento impreciso ou definido, actua tão poderosamente sôbre todos os outros que interferem com êles nesses campos de acção psíquica como num meio físico o projectil expedido por uma arma disparada ao acaso, molesta e abate quanto encontrar na sua fatal trajectória.

Como natural corolário desta concepção superior da vida universal se infere que cada um de nós, como célula do organismo humano, é fatalmente solidário com tudo que se passa nesse organismo e que a palavra fraternidade

não pode ser um vocábulo vazio de sentido, uma fórmula convencional, explorada pelos sociólogos agitadores para lisongear a turbamulta e incitá-la à rebelião de que só eles aproveitam, mas a expressão dum das realidades espirituais que fazem parte daquela concepção, o laço que une no mesmo destino todos os homens, cuja origem divina Jesus veio revelar ao mundo na sua adorável missão, mostrando-nos que apenas o grau evolutivo estabelece a diferença entre o delinqüente e o santo, seu irmão, que por êle ora e lhe estende solícito os braços para o desviar do precipício.

O êrro capital de todas as escolas filosóficas, pèssimistas ou optimistas, espiritualistas ou materialistas, provém, desde tóda a antiguidade, de considerarem o homem fundamentalmente mau ou fundamentalmente bom, sem curarem de analisar as determinantes que o impeliram para a direita ou para a esquerda do caminho nos conflitos da paixão e as reacções que, segundo o seu estado evolutivo, êles eram susceptíveis de opôr a essas determinantes. Todos êsses importantes problemas debate a literatura espiritista, tão vasta na hora que passa, que não chegariam para dela tomar cabal conhecimento os ócios de qualquer indivíduo sôbre quem impendam os múltiplos deveres e responsabilidades impostas pelo intercâmbio da vida social e familiar moderna, vertiginoso torvelinho que nos arrebatada e arrasta, para o temeroso ignoto, no momento histórico em que estamos integrados. Nem talvez bastasse mesmo para tal emprêsa a estéril existência total de Spinoza, reincarnado com as suas tendências reflexivas, o paciente filósofo celibatário que, na reclusão dum gélida cela do norte da Terra, consagrou as suas prolongadas vigílias, aniquilado o seu sentir para a vida exterior, a pedir à obscuridade da metafísica a chave dos seus indecifráveis hieroglifos. Nem o retiro cenobítico é compatível com as representações do mundo exterior, profundamente elucidativas.

Mas, nenhuma necessidade há, para se ser bom espírita, de estar a par de tudo que se escreve sôbre Espiritismo. Para o conseguir basta compenetrarmo-nos da significação dos seus princípios fundamentais e suas conseqüências; conhecer-lhe a cartilha e praticar-lhe a moral, origem de tão grande bem-estar para a alma, sinceramente desejosa de conhecer o seu destino para o realizar; guiar na senda do Bem aqueles que têm a infelicidade de desconhecer a íntima satisfação de consciência resultante da certeza do dever cumprido; não com a imposição de regras e preceitos arbitrários, segundo a norma de todas as religiões, precisada na incisiva frase de Voltaire: « Crê o que eu creio e que tu não podes crer ou morrerás » mas com a serena paciência, carinho e tolerância de irmãos extremosos, desenredando a trama densa de erros e preconceitos com que os embalaram; para que os seus olhos espirituais vejam luzir a verdade imaculada por entre as malhas alargadas dessa teia; suavizar com palavras de verdadeiro amor e auxílio material os que vivem atribulados na dôr e na penúria; amparar com o bordão firme dum braço vigoroso os passos dos claudicantes, lembrando-nos de que prevaricaríamos como êles, se nos tivéssemos encontrado em idênticas circunstâncias, se tivéssemos igualmente sido criados ao desamparo de mão piedosa que nos protegesse contra a tentação para que o seu atraso moral lhes não facultasse resistência. A vida correr-nos há assim plácida em conformidade com as leis do nosso Karma, que temos de aceitar, bom ou mau, sendo responsáveis pelos actos das nossas existências passadas, procurando atenuar as suas inevitáveis conseqüências, pela dignificação da nossa vida presente. Toda a finalidade do Espiritismo consiste na prática dèsses processos de espiritualização que nos aproxima da Origem primordial de quanto existe, Deus.

Os fenómenos espiritoídes, a sobrevivência e a imortalidade

Antes de mais nada, o termo espiritoíde, aplicado aos fenómenos de para-psicologia, é, quanto a nós, de bom espírito metodológico.

O termo é de Boirac: espiritoíde quer dizer semelhante a espírito, que na apresentação imediata tem o aspecto de espírito.

Isto assim não envolve na própria linguagem a confusão duma hipótese implícita, deixa a liberdade de pesquisa absolutamente necessária em ciência e marca o aspecto singular desses fenómenos na sua imediata apresentação.

Uma vez explicada a nomenclatura dirá o autor destas linhas que está pessoalmente, isto é, experimental e directamente, a par das pesquisas espiritoídes.

Mas como sempre mais ou menos lhe pareceu assistir a um equívoco perigoso, é desse equívoco que pretende tratar.

Vem a consistir esse equívoco no fácil transporte de conclusões de sobrevivência para conclusões de imortalidade.

Ora tal transporte constitui um erro de lógica científica dos mais elementares e graves.

A sobrevivência é de ordem experimental, a imortalidade não o pode ser.

Assim se compreende que os membros duma Igreja, os partidários duma fé revelada apareçam tantas vezes como ligando medíocre importância às pesquisas espiritoídes.

A sobrevivência é um prolongamento no tempo das manifestações *actuais* duma consciência.

Assim a consciência dum escritor vive na sua obra, mas esta obra é apenas a manifestação do tempo dessa consciência que é o da criação da sua obra. Um escritor morto, que, sem possíveis subterfúgios, desse, no momento *A*, provas da presença de sua consciência, faria, para esse momento, uma manifestação *actual* da sua vida consciente, seja, da sua sobrevivência.

A imortalidade ou é uma forma de vida intemporal e não pode cair directamente na experiência temporal, ou é uma presença em *todo o tempo* e menos ainda poderá ser apreendida pela experiência, que é sempre *dêste* ou *daquele* tempo.

E' lícito, pois, ao pesquisador experimentalista tentar provas da sobrevivência, jãmais dará, como simples experimentador, uma só que seja da imortalidade.

E isto vale para o experimentador da fenomenologia espiritoíde, como para o real ou pretendido iniciado teosófico, tendo atingido percepções de natureza trans-sensorial.

A um limita-o o tempo da experiência, a outro o tempo da observação.

Assim terá o experimentador de limitar-se, e não é pouco, ao simples problema de sobrevivência.

O problema da sobrevivência—Pode a experiência dizer-nos alguma coisa sobre o problema do prolongamento da consciência para além da morte?

Teòricamente pode e é uma prova de estúpido orgulho o de tantos homens de cultura de hoje, afirmando tal preocupação como própria apenas do estado de pensamento primitivo dos povos animistas.

Praticamente é o problema um dos mais complexos, pois que a *experimentação crucial* é muito difícil.

A complexidade dos fenómenos espiritoides é tamanha que, pondo já de parte as fraudes voluntárias e involuntárias, são muitíssimas as hipóteses explicativas, que os factos vão sugerindo.

Mas contrariamente às afirmações e aos prejuizos dos ignaros é nessa mesma complexidade que reside a possibilidade das experiências cruciais.

Na opinião do notável físico Duhem a *experiência crucial* não é possível em física, opinião que recebe também a confirmação do genial matemático e físico H. Poincaré.

Não há uma experiência crucial, mas pode haver um conjunto de experiências tais que a velha hipótese as não suporte e uma nova hipótese as coordene, explique e acrescente de previsões a seguir verificadas.

Neste caso a nova hipótese vence sem que a primeira deixe de servir para o condicionalismo em que nasceu.

O caso é patente quando a velha hipótese fica como uma aproximação da nova, como na teoria de relatividade, que é apenas um formulário onde uma constante suposta infinita na velha teoria tem na nova teoria o valor de 3×10^{10} , valor que, para as nossas medidas, é quasi sempre praticamente infinitamente grande.

Mas os fenómenos espiritoides são fenómenos suficientemente complexos para que a continuidade das aproximações possa estabelecer-se e passar assim duma hipótese para outra por simples modificações quantitativas.

Nestes fenómenos não se trata de arranjos elementares que a análise encontre para recompôr em apertadas sínteses explicativas; são estes fenómenos já de si sistemas orgânicos que a análise não pode desdobrar para além de certos limites. Esses limites marcam em cada caso o grau da riqueza da hipótese que os há-de explicar.

Dêste modo, mesmo praticamente, é, pelo menos assintoticamente, possível chegar à hipótese da sobrevivência, como a única capaz de certos casos, indesdobráveis, irreduzíveis à apreensão das outras hipóteses.

Postas de parte as fraudes, as hipóteses mais viáveis são as das simples subconsciências criptomnésicas ou até pantomnésicas e as das subconsciências metagnómicas.

E' claro que estas hipóteses são por vezes mais complicadas que a simples hipótese da sobrevivência, pois uma pantomnésia ou uma pantognomia são o puro indeterminado.

Limitando, pois, estas hipóteses ao que a experiência tornou verosimil, possível é que fiquem casos aos quais caiba, como nenhuma, a hipótese da sobrevivência.

E' o que, por exemplo, tenta mostrar Bozzano no seu livro de crítica às explicações de toda a fenomenologia por Sudre.

As explicações por animismo (não confundir com o animismo dos etnólogos, nem com a doutrina escolástico-tomista) entram nas personalidades múltiplas metagnómicas, abrangendo estas, como é natural, as metamnésicas, etc.

Mas, se é demonstrável a sobrevivência, estará ela demonstrada?

E' outro problema a que, no entanto, o precioso livro de Bozzano procura responder.

Quanto a nós a demonstração será sempre apenas a duma maior ou menor probabilidade, como são todas as demonstrações que tratem de realidades e não duma simples simbólica do real, feita a partir de definições basilares mais ou menos feitas com *sêres da razão*, como nas matemáticas. Mas essa probabilidade pode ir crescendo indefinidamente e é a nossa certeza.

Este o valor dos trabalhos modernos da para-psicologia e, quando mais não desse, motivo de sobra teria já à gratidão dos que acima de tudo querem viver conscientemente, compreendendo e progredindo. Mas de aí à imortalidade o salto é do finito para o infinito e nada poderá dar-nos a experiência.

Se, no entanto, uma *Crítica da Ciência*, nos demonstrar que a sua existência, a da Ciência, implica uma actividade dominadora do tempo e do espaço, que chamaremos *actividade espiritual*, é então valiosa a visão experimental da sobrevivência como uma confirmação por conseqüências experimentais do que de mais difícil tinha atingido o pensamento nas alturas árduas, severas e quasi inacessíveis da reflexão filosófica.

E, desta feita, ficaria arredado também um outro perigo muito vulgar nos teóricos da para-psicologia, qual o de confundir a *actividade espiritual* com os seus instrumentos e com os seus produtos o que, por vezes, dá ao chamado espiritismo um melancólico aspecto de mitigado materialismo, de ser uma como anemia materialista.

Por vezes em troca da actividade espiritual servem-nos apenas fantasmas e ectoplasmias, que lembram o desejo de Aquiles de ser moço de lavou-ra na vida terrena, de preferência a ser rei no triste, apagado, sumido e nevoento reino das sombras.

(Continua)

X.

A Psicoterapia

Existe no Universo uma energia que utilizada por pessoa hábil pode ser empregada com resultados maravilhosos. Essa energia que está imanente em todas as cousas é aproveitada pelos animais para se comunicarem reciprocamente, para se fazerem compreender e ainda, por alguns, para atraír outros que hão-de cair sua prêsa. Existe ela em todos os corpos e manifesta-se nos iontes, nos átomos e nas moléculas sob vários nomes que a ciência lhe dá.

Como a electricidade, pode ser enviada a tôda a parte e a todas as pessoas quer estejam a alguns metros de distância ou a milhares de léguas, para o que basta haver um aparelho emissor e outro receptor. Assim como a electricidade, essa energia é enviada através do éter por meio de ondas vibratórias produzindo indução nos corpos em estado apropriado. Pode ser empregada para o bem ou para o mal; mas, desgraçado daquele que a empregar para maus fins, que, inevitavelmente, será mais cedo ou mais tarde, o aparelho receptor dos choques de retôrno.

Os aparelhos, emissor e receptor da electricidade, são substituídos na psicoterapia pelas mentes emissoras e receptoras. Uma mente utilizando essa energia chamada Poder-Mental, emite ondas vibratórias no éter ambiente que se propagam através do éter químico motivando idênticas vibrações no éter ambiente do cérebro receptor, produzindo indução na mente em estado mental semelhante. Para que todas estas vibrações se dêem em condições de formarem ondas vibratórias, é necessário um aturado treino e educação das duas principais manifestações da mente, — vontade e desejo. — São os dois

irmão gêmeos que operam em conjunto, não operando um sem que o outro esteja presente.

Mas o método é um pouco mais complexo, o que exige estudo, perseverança e consciência na aplicação de tal energia. A utilização de estas duas forças exige um estudo profundo para poderem ser aplicadas de forma a tirar o máximo resultado do Poder-Mental.

Transformadas, as correntes do Poder-Mental, em ondas vibratórias da mente do psicópata, vão estas ser recebidas pelas mentes de outras pessoas por meio de vibrações correspondentes; porém, por vezes, são enfraquecidas por vários factores podendo mesmo serem neutralizadas se a mente receptora lhes oferecer resistência. Porém, se esta mente estiver em condições de receptividade favoráveis às vibrações que lhe são dirigidas, essas ondas serão recebidas com intensidade igual àquela com que foram emitidas.

Sempre que se trate de curas em que o psicópata possa ter presente o doente, deve aquele auxiliar a terapêutica com processos magnéticos, pois que dêste auxílio surgirão ótimos resultados. Em alguns casos é indispensável ao bom êxito da psicoterapia, o internamento em casas de saúde apropriadas, com pessoal adestrado e crente nos efeitos de tal processo terapêutico, a quem competirá a aplicação da étero-sugestão, e ainda porque são os doentes subtraídos às acções deprimentes do ambiente que os cerca, por vezes, no seio das famílias e da sociedade, acções aquelas que podem anular a acção das ondas vibratórias que lhes são dirigidas.

Vejamos agora como se deverá operar.

A mente do terapeuta, visualizando o paciente nas condições de saúde desejada e utilizando-se da vontade de curar, procura trazer mentalmente à sua presença o paciente com quem estabelece conversação mental adequada à étero-sugestão com afirmações relativas à perfeita saúde do paciente. Enquanto esta operação se dá, é indispensável que o paciente se coloque em atitude calma e receptiva.

O terapeuta deve fazer as suas sessões psicoterápicas a horas preestabelecidas fornecendo ao paciente as instruções especiais para que se coloque em estado receptivo apropriado durante a sessão. Para ser psicópata deve o estudante usar de uma higiene física e espiritual indispensáveis a quem está no caminho da espiritualidade. E' pela falta destas higiènes que a muitos é vedado o poder de curar.

Poderíamos encher páginas desta revista com citações de curas psíquicas notáveis. Há, contudo, doenças que não cedem à psicoterapia, e, estão neste número algumas de origem psíquica que só podem ser curadas pela *magneto-psicoterapia*.

A experiência tem-nos aconselhado que em ambos os casos terapêuticos, a cura é bastante auxiliada quando se adopte um regime de vida idealmente higiénico e adequado às circunstâncias pessoais do doente. Não podemos fixar o limite em que o Poder-Mental pode actuar, mas como esta terapêutica é verdadeiramente inofensiva e sempre benéfica, pode usar-se dela em todos os casos.

Não se suponha que êste método de cura não vai além de agregado de teorias. Experimente-o quem quiser, observando todas as regras, que em pouco tempo obterá o poder de curar. E' uma força natural com que, cada um, vai operar dento de certas leis imutáveis, que, conhecidas elas e observadas estritamente por cada empreendedor, êste adquirirá, em breve, as qualidades necessárias para ser um bom psicópata à maneira que em si se vão desenvolvendo os poderes latentes que dão ao homem uma das maiores felicidades terrenas — praticar a caridade.

Exegese filosófico-metafísica do Espiritismo

III — Geogenia

Tese — « O universo não pôde fazer-se a si mesmo, e, não podendo ser obra do acaso, deve sê-lo de Deus. Nada exprime melhor o modo como Deus criou o universo do que as belas palavras da Génesis: « Deus disse: Faça-se a luz. E foi feita a luz ».

Os mundos que Deus renova, assim como os sêres, formam-se pela condensação da matéria disseminada pelo espaço. Pelo que diz respeito à Terra, a princípio tudo era caos; os elementos estavam confundidos; os germens dos sêres vivos estavam latentes, esperando que chegasse o momento de surgir cada espécie. Depois, os sêres de cada espécie uniram-se e multiplicaram-se. O homem não fez excepção a esta regra geral. Antes de se formar a Terra, existia no espaço como os outros elementos orgânicos, no meio dos espíritos ou em outros planetas, esperando a formação dêste pequeno mundo para começar uma nova existência, num planeta novo. Formado êste, esperou ainda que se realizassem as condições indispensáveis à sua vida e apareceu em épocas diversas e em latitudes diferentes dando assim lugar às diferenças físicas e morais que distinguem as raças.

A matéria orgânica e inorgânica é a mesma, apenas com a diferença que, nesta, falta o princípio vital que anima a primeira. Este princípio vital não é pròpriamente um princípio à parte, mas sim uma propriedade da matéria devida a determinadas modificações. Daqui se segue que a vida anorgânica não existe. A morte é a cessação da vida e sobrevem pelo cansaço dos órgãos. Quando isto sucede a matéria inerte decompõe-se e forma novos sêres; o princípio vital volta ao seu meio. De entre os sêres orgânicos, uns, vivem e não pensam, e outros, vivem e pensam. Estes últimos são dotados de inteligência. A inteligência não é outra coisa senão o espírito, o elemento universal inteligente constituído em individualidades morais. O instinto é uma inteligência sem raciocínio.»

Comentário — Eis aqui, em estranho casamento, o criacionismo e o genetismo, o vitalismo e a entropia! Desde que se aceita o criacionismo, deve aceitar-se na totalidade, integralmente; não o criacionismo para umas coisas e o genetismo para outras, nem que seja para justificar a razão suficiente, o processo que mais evidência apresenta. E é de advertir que essa razão suficiente, se tem algum valor o que nos ensina a uranografia e os outros ramos de sciência derivados dela, é a geral, a corrente, posto que nem um só mundo dos que giram no espaço, nem um só sêr dos que se agitam em cada mundo, deixou de obedecer a êsse *devenir*, a êsse eterno chegar a ser, que reconhece por pai a evolução e por irmão o transformismo. Teria a criação sido protogenésica?

A vida... ¿ que é a vida? ¿ Temos de apreciá-la como um princípio? ¿ Como uma consequência da sinergia orgânica? Se é como um princípio, ¿ porque dizer que é uma propriedade da matéria, devida a determinadas modificações desta? Se é como uma consequência da sinergia orgânica, ¿ porque motivo « a quantidade de energia da proteína viva não é maior do que a da proteína morta » (Meyerhof)? E seja princípio ou consequência, ¿ porque não se continua indefinidamente consumindo a energia livre aproveitável do ambiente, que é a fonte inexgotável da actividade vital (Donan), e se é conduzido, pelo contrário, ao desequilíbrio físico-químico, que é a morte (Baylis)? Do homem, da inteligência e do instinto falaremos a seu tempo.

A nossa exegese — Para que Laplace pudesse dizer que não necessi-

tava da hipótese de Deus na composição do Universo (1) foi preciso partir da teoria newtoniana da gravitação universal; do mesmo modo para que possamos explicar-nos satisfatoriamente o Cosmos, precisamos de partir da nossa hipótese da essência. Recordemos o que dissemos: « Se no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus, teremos que no princípio era e estava em Deus e com Deus, no infinito absoluto, a Essência dotada de toda a potência ou acção geradora de paixão ou estado e determinadora de tempo, número e pessoa; ou, o que é o mesmo: de tudo o que limita, diferença, forma, deforma, destroe e reconstroe; de tudo o que, pela eficácia das proporções definidas, como dizem os cosmólogos contemporâneos, reúne a matéria galáctica para formar as nebulosas, os sistemas estelares, os sois, os mundos, os átomos, as células vivas, os órgãos, os aparelhos, os corpos, e o animal, e o homem... » Isto equivale o dizer que, do eterno, do imanente, do potencial e do infinitamente perfeito, hão de derivar o limitado, o precário, o estático e o perfectível, numa série infinita; e como não é possível, que o efeito seja de natureza distinta da causa que o produziu, não é possível também que da essência, tal como fica definida, derive o Cosmos, tal como se oferece à apreciação dos nossos sentidos.

¿ Será porque a nossa apreciação sensorial é errónea? Quem sabe!...

Até há pouco foi doutrina corrente, precisamente pela eficácia soberana da sensação, a existência e constância da matéria (2); hoje apresenta-se como última palavra da ciência, também em virtude da percepção sensorial, a negação da matéria e a afirmação da unidade substancial da força (3). A radioactividade, mostrando que os produtos da dissociação do rádio são exactamente da mesma natureza dos produtos da dissociação de todos os outros corpos, foi o demiurgo que operou este milagre. ¿ Que admirará pois que amanhã, em virtude de outras percepções sensoriais, reconheçamos o erro de quanto consideramos hoje incontestável?

Em homenagem à verdade, devemos dizer que isto não sucede raras vezes, mas foi preciso as descobertas dos Curie, Rutherford, Crookes, Ramsay, etc., para a ciência chegar à conclusão que « a hipótese atómica, embora praticamente possa conservar o seu valor ainda por algum tempo, teoricamente é insustentável » (4). Tinha-se observado que todo o corpo podia dividir-se e subdividir-se até ao átomo (5), e que no átomo cuja ponderabilidade nos escapa (6) já se manifestam duas forças, a atractiva e a repulsiva, pelas quais eles se formavam (7). Portanto se alguma hipótese se impõe logicamente, era a da prioridade e protogénese da força sobre a matéria.

Na nossa hipótese da essência, contudo, a força ou potência, que implica acção, não é substantiva: é apenas uma propriedade daquela, como são outras propriedades da mesma, a imanência que supõe reacção, e a divisibilidade, que equivale a estado. Mas para que a força, a imanência e a divisibilidade, ou, o que é o mesmo, para que a acção, a reacção e o estado fiquem na essência; para que esta possa operar por si mesma, sobre si mes-

(1) Resposta que se lhe atribui ao ser interrogado por Napoleão I sobre o motivo porque não se referia uma só vez a Deus na sua « *Mecânica Celeste* ».

(2) A quantidade de matéria que enche o espaço infinito é constante (Lavoisier).

(3) Le Bon — *L'Évolution de la Matière*; *L'Évolution des Forces*.

(4) Kothner — *Zeitschrift für angewandte chemie*, XV.

(5) Todos os corpos que nos rodeiam, tanto os orgânicos como os inorgânicos, são formados de acções combinadas de moléculas de outros corpos diversos a que a química chama simples. (Flammarion — *O mundo antes da criação do homem*).

(6) Numa milésima de milímetro, que é uma partícula microscópica invisível, há mais de 225.000 milhões de átomos aquosos susceptíveis de separar-se por evaporação. (Sánchez Calvo — *Filosofia de lo Maravilloso Positivo*).

(7) Cada átomo traz, em suas combinações, duas coisas: a sua energia própria e a propriedade de gastá-la, fixando outros átomos. (Wurtz).

ma e em si mesma; para que, enfim, não resulte a antinomia assinalada entre as suas propriedades infinitas e os seus efeitos finitos, impõe-se que não seja uma unidade indivisa, mas sim constituída por gérmens potenciais, naturalmente simples, completos e independentes, possuindo a perfeição enquanto sêr e propriedades latentes ao infinito que lhe permitam ir especificando as suas possibilidades e modos de ser. ¿ E' isto lògicamente possível? ¿ Porque não? Não se compreende a quantidade sem a unidade, nem o absoluto sem o relativo. Não se compreende a essência absoluta potencial, absolutamente perfeita, absolutamente imanente... sem compreender também nela o mais e o menos da imanência, da potência e da perfeição, e a possibilidade de verificar-se em todos os graus que com êsse mais e êsse menos se abarcam. Faltasse-lhe essa possibilidade, e *ipso facto* deixariam de existir a sua potência e a sua perfeição absolutas. E como a unidade indivisa da essência não pode dar de si senão a unidade indivisa da manifestação, segue-se, incontrovertidamente, que, para a pluralidade infinita das manifestações, requiere-se também a pluralidade infinita das unidades potenciais da essência.

Aceitando, pois, que a substância ou essência (e usaremos indistintamente estas palavras para expressar a mesma idéa, visto que, no fundo, representam o mesmo) é constituída por gérmens potenciais, naturalmente simples, completos e independentes, possuindo a perfeição enquanto sêr e propriedades latentes, ao infinito, que lhe permitam ir especificando as suas possibilidades ou modos de ser, podemos explicar-nos perfeitamente o Cosmos, ou, para melhor dizer, as relações cognoscitivas que se estabelecem entre o nosso sêr percipiente e os fenómenos naturais que percebe. A lei fundamental da substância, que é a potência, que é a fôrça na sua natural actividade (1), tem necessariamente de manifestar-se pelo movimento, quer próprio dos gérmens potenciais, quer provocado pela acção de contacto ou pela impulsão de uns sôbre outros (2); êste movimento há-de originar as acções centrípeta e centrífuga, que não são fôrças essenciais, mas modos da fôrça única, e há-de originar a massa e a distância (3), efeitos da atracção e da repulsão (4); dentro da atracção e da repulsão, impõem-se graus que se traduzem pelas diferentes densidades ou manifestações objectivas que da virtualidade da essência apreciamos (5); porém como nesta há propriedades latentes a desenvolver e estas propriedades só se verificam mediante a particularização dos gérmens em sêres completos, entificados e simples, segue-se que a actividade da essência tendendo ao seu desenvolvimento, há-de ir particularizando-se até fazer de cada gérmen um espírito simples activo, consciente, inteligente e determinativo (6). — L. G. — *Doctrina Espiritista, Filosofia.*

O esquema traçado, apresenta, como se vê, o ciclo de evolução com-

(1) Por todos os lados a sciência moderna é conduzida à unidade da fôrça, à *energia primeira*, como lhe chama Spencer, na qual já todo o material se desvaneceu. (Sánchez Calvo — *Filosofia de lo Maravilloso Positivo*).

(2) O movimento é-lhe próprio (à substância) por ser o produto da acção mútua das suas fôrças, e resume-se necessariamente numa rotação de conjunto em tórno dum eixo fixo que é o eixo do Universo. (Richard — *Origem e fim dos mundos*).

(3) Na substância universal não se concebe a massa nem a distância porque não se concebem espaços vãos dela; todavia, nos fenómenos objectivos pela virtualidade da substância, concebem-se uma e outra pelas próprias razões que estamos expondo.

(4) As fôrças naturais, como vulgarmente se chamam, não são mais que manifestações particulares da energia universal; quere dizer, em ultima análise, modos de movimento (Stwart — *Conservação da Energia*).

(5) Todos os fenómenos psíquicos não são mais que aparências distintas e múltiplas, riquíssima variedade, combinações infinitas de um único fenómeno: o movimento da energia primordial. (José Echegaray).

(6) Os elementos primordiais do Universo são dotados de sensibilidade, de inteligência e de vontade. A princípio vivem uma vida latente e independente. Por isso mesmo nem a

posto de dois arcos, um emergente em que a substância parece sair do abstrato para se condensar cada vez mais em formas concretas, e outro imergente, em que essa mesma substância volve, individualizada, do concreto para o abstrato. E' possível que não seja assim; todavia, é o que a sciência ensina. Segundo a Cosmogonia, a gravitação universal, condensando a matéria galáctica deu e dá origem às nebulosas, aos sóis, aos sistemas planetários, aos mundos... e, segundo a Geogenia as condições físico-químicas do meio, as necessidades a satisfazer e a ancestralidade deram lugar, no mundo, ao aparecimento dos seres vivos, às suas lentas e sucessivas evoluções e transformações, e, finalmente a êsse prodígio da vida orgânica, caracterizada pela razão, o sentimento e a vontade. O fundo é o mesmo; a maneira de o expressar é que varia. E como o fundo é o único substantivo, e por isso mesmo, o único que persiste através de todas as formas que a linguagem humana empregue para revesti-lo, não é para surpreender que, depois de muitas discussões entre modos de ver opostos, acabe por impôr-se uma apreciação comum que vem a ser como que o nexa que as entrelaça a todas.

Prescindindo pois, da materialidade de expressão, nós falamos com esta idéa básica: De uma substância protógena, desconhecida — chame-se ela éter, prótilo, matéria, força, espírito, ou sôpro... sendo todavia, em todos os casos, potencial ao infinito — derivam, pelo que em nossa linguagem chamamos condensação (1), todos os corpos mensuráveis e não mensuráveis da natureza e pelo que chamamos emanação (2), todas as forças actualmente conhecidas desde a gravitação e a afinidade dos átomos (3), até às altas concepções dos génios e às sublimes renúncias dos Cristos. Posto isto, apresentaremos a nossa concepção cosmogónica, como já fizemos por outras vezes resumindo-a no quadro sinótico que segue:

sua inteligência nem a sua liberdade têm despertado. A sua liberdade não tem resistência alguma que vencer: não sabem que existe outra coisa... — Logo depois do seu nascimento, os elementos entrechocaram-se, e, afectados na sua sensibilidade, applicaram a inteligência e a liberdade a fugir dos encontros desagradáveis e a procurar os que lhes eram agradáveis... — As alianças, primeiramente acidentais, consolidaram-se; e assim, ao particularismo, succedeu o federalismo... Insensivelmente a infinita variedade primitiva dum infinidade de coisas que differiam apenas umas das outras em quantidades infinitesimais, deu lugar a agrupamentos de substâncias susceptíveis de harmonizar-se, e, entre os grupos formados, estabeleceram-se diferenças mais ou menos profundas... Assim teve lugar o aparecimento, no mundo, das sociedades... Estas associações tiveram por base o principio de divisão e repartição do trabalho... O homem entificado aparece logo e destrói ou domestica as espécies animais ou vegetais. O mundo move-se assim pelo pensamento, porque tudo o que encerra se pôs e continua ao serviço do pensamento. (Delbœuf — *Matéria bruta e matéria viva*).

(1) A substância não tem mais que um modo de revelar-se, que é a sua propriedade fundamental. Este modo é a actividade, a vibração, o movimento. Onde quer que ponhamos os nossos olhos, e para onde quer que dirijamos as nossas especulações, sempre encontramos essa actividade, essa vibração, êsse movimento corporizando a substância em formas sólidas, líquidas, gasosas ou radiantés, não pela sua natureza, mas pelo modo como se apresentam aos nossos sentidos. Tivessemos outros, e aquelas formas desapareceriam, como desaparecem a gravidade, a impenetrabilidade e a inércia dos corpos que consideramos mais pesados, mais compactos e mais inertes, ante os atomismos que as teem em colisão constante, ante a razão que os compenetra e analisa. A matéria, em si, nunca deixará de ser um símbolo, um termo de comparação entre as nossas percepções e as modalidades da substância. Mudemos a sensação e mudaremos a imagem e as propriedades que à imagem assinalámos. (*Doct. Esp.*).

(2) O mundo apresenta-se-nos como formado de átomos difusos de éter, que, sob a acção de diversas causas, especialmente da sua rotação armazenaram energia. Essa energia, uma das formas da qual é a matéria, dissocia-se e aparece segundo estados diversos: electricidade, calor, luz, etc., de maneira a recair a matéria no éter. (Le Bon — *Rev. des Idées*).

O mundo da mecânica não é uma manufactura criadora de energias; é como um mercado aonde podemos ir com uma espécie particular de energia e trocá-la por outra equivalente que nos convenha mais. (Stewart — *Conservação da energia*).

(3) Mantemos estas expressões por puro convencionalismo, visto que, para nós, todas as «fôrças especificadas» não são mais que verificações da fôrça única; cinzas das latências da potencialidade absoluta que se consumiram ao converter-se em actualidade objectiva.

DEUS

Omnipotência **ASEIDADE** Omnipresença
Imanência absoluta

	Substância única	CONCEITO	Formas espaciais	SIMBOLO
INVOLUÇÃO	ACTIVIDADE			
	Máximo de energética em unidade de volume. . .	Estado inicial da substância	Unidade substancial, simples, completa, indivisível, potencial, activa.	X %
		Estado cósmico ou primordial dos mundos.	Máximo de movimentos centrípetos e centrífugos, com preponderância de aqueles sobre estes.	Protões, iões, electrões, átomos, moléculas.
	Equilíbrio instável entre a força e a resistência em unidade de volume. . . .	Estado etéreo imponderável	Movimentos menos rápidos que no anterior estado, mas bastante rápidos para manter as moléculas separadas e contrabalançar a lei da gravidade	Electricidade, magnetismo, estado radiante...
		Estado gasoso	Movimentos de rotação e de translacção menos pronunciados, mas bastante velozes para que as moléculas rarefeitas ocupem grandes espaços	Oxigénio, hidrogénio, carbono, azoto.
EVOLUÇÃO	Máximo de resistência em unidade de volume . . .	Estado líquido	Oscilações lentas; movimento rotatório pouco pronunciado; orientação móvel dos agrupamentos moleculares.	Corpos líquidos.
		Estado sólido.	Oscilações limitadas; rotação imperceptível; orientação fixa das moléculas. . . .	Corpos minerais.
	Mínimo de potência psíquica actualizada na Enteléquia	Estado electivo	Fôrça psico-física-attractiva: Princípio de individualização	Polaridade eléctrica, afinidade, coesão, cristalogénese.
	Maior desenvolvimento na Enteléquia; alvor da vida	Estado orgânico	Fôrça psico-física-organizadora: A Enteléquia, diferenciada pelo seu <i>não ser</i> , conserva as formas e gera os órgãos. . .	Corpos vivos dos reinos vegetal e animal em suas formas mais simples e rudimentares.
		Estado sem consciência .	Fôrça psico-instintiva; A Enteléquia, submetida às influências do meio, reconhece-se sujeito de sensação, e instintivamente foge do que a molesta e procura o que lhe agrada, especializando e conformando os seus órgãos	Corpos vivos dos reinos vegetal e animal, com órgãos adequados às funções próprias do momento cíclico da sua evolução particular.
		Estado inteligente	Fôrça psico-inteligente: A Enteléquia, tomando consciência das suas sensações, lança-se a indagar as causas ocasionais, partindo do facto que imediatamente a impressiona	Curiosidade, reflexão, amor próprio, imitação, abstracção, linguagem; todas as formas que manifestam inteligência nos animais e no homem.
	Graus cada vez maiores de potência psico-afectiva na Enteléquia individualizada	Estado moral e determinativo	Fôrça psico-consciente: A Enteléquia, instruída pela experiência que lhe proporcionam a sensação e a recordação, remonta ao mundo das ideias, abstrai e generaliza, sente por suas próprias operações imaginativas e determina-se obedecendo ao impulso da razão mais poderosa	Amor filial, conjugal e paternal; amor ao próximo, próprio dos animais superiores e do homem; sentimento do belo, do bem e do verdadeiro; aspiração constante a um bem maior.
	Estado X %	Inteligências livres do espaço ou moradores da infinidade de mundos habitados. — Progresso infinito, sem limitações em si, nem no tempo, nem no espaço. — Solidariedade Universal	Estados de consciência absolutamente desconhecidos por nós no presente momento histórico.	

No domínio dos factos

Nem sempre a eloquência imperativa dos factos é de força bastante para aniquilar a descrença.

Convencem-se, aqueles cuja atmosfera mental oferece disposições simpáticas às correntes magneto-psíquicas das idéas antagónicas. Os demais, especialmente quando se acastelam nos preconceitos religiosos ou científicos, êsses, por mais que se lhes explique e ouçam e vejam e palpem e pesem e meçam, — escapam, sempre, às sugestões da evidência, muitas vezes para ostentarem, depois, maior intransigência no seu negativismo sistemático.

De comum, os títulos científicos de que são portadores, quando o são, os descrentes, assim irreductíveis, apenas constituem brilhante rotulagem para uma ignorância crassa e latente. Mas, quando se trata das excepções honrosas, embora confirmativas da regra, o caso passa ao domínio da patogenésia... espiritual, onde pode ser explicado, perfeitamente, pela ausência do que entendemos chamar — *sentido de assimilação*.

E' bem um exemplo dessa insuficiência mento-psíquica, o meu ilustre amigo doutor F..., médico notável, com estudos especializados sobre o tétano, e maravilhosas descobertas terapêuticas na espécie, e ainda mais notável plumitivo da nova escola de literatura nacional. Para êsse meu sábio amigo, todos os fenómenos anímicos ou espíritas, que para êle prefaziam uma classe única, sempre foram explicáveis, cabalmente, com os recursos, sós, da sciência oficial. Mesmo na sua terminologia médico-materialista, que outra não é, ordinariamente, a medicina universitária, facilmente encontrava êle os nomes de baptismo que, no seu consenso, melhor assentavam à definição e classificação, fenomenológicas, dos factos por nós outros ditos pertinentes ao âmbito do neo-psiquismo. Como corolário lógico dessas presunções científicas do meu citado amigo doutor F..., — Crookes, Bozzano, Aksakoff, Gibier, Lombroso *et concomitante caterva* deviam de parecer-lhe simples ingênuos, por se terem visto em dificuldades para explicar factos que êle, o meu amigo, com facilidade extrema, explicava.

Um dia, isso foi em 1926, tive oportunidade de, a seu pedido, dizer-lhe as razões científicas, fundamentais, da minha fé espírita. Em consequência disso, iniciou êle, na própria residência, uma série de sessões de paraquinésia. Não fui presente às primeiras. Naquelas, porém, a que assisti como elemento heterogénio, por ser o único espírita em meio de um núcleo de scépticos ilustres, distintos e de alto relêvo político e social, verificaram-se, entre outros, os seguintes e importantes factos, devidamente controlados, que passo a narrar.

Note-se que, propositadamente, eu me conservava afastado da mesinha das experiências e que entre os que nela apunham as mãos estava, em pessoa, o doutor F..., o impenitente incrédulo. Nessas condições, pois, absolutamente insuspeitas para os experimentadores, um espírito ditou, certa vez, pela mesa, a narração minuciosa de um facto ocorrido no Rio de Janeiro e sòmente conhecido, em pequena parte, por um dos presentes. A narração, conforme ao que se apurou depois, era inteiramente verídica. Mas, no momento, insurgindo-se contra a possibilidade de ser *um espírito* o narrador, o doutor F..., contra a minha opinião, quis atribuir o facto ao... subconsciente (?!).

Imediatamente, porém, o comunicante ditou: — *O F... não crê; mas eu vou dar-lhe uma prova.*

E, em seguida, fez a mesinha bater: — *Olhe para as suas mãos!*

No mesmo instante, F... levanta-se pálido e confuso, pois nas palmas das suas mãos surgiam, em cada uma, uma cruz enorme, de vesículas aquosas, como que feitas a fogo, e que, tumefazendo-se à nossa vista, à vista de todos, aliás, davam-lhe a sensação, intensa, de queimadura. A conselho do espírito, porém, o passivo da dolorosa experiência meteu as mãos em água e a dor passou-lhe *incontinenti*. Mas as cruces ficaram-lhe, por muitos dias, para quem as quis ver e êle as mostrou.

Noutra sessão, o mesmo espírito mandou que apagássemos as luzes e, minutos depois, que as acendêssemos. E nada se viu. Inquirido, porém, a êsse respeito, ordenou que se abrisse uma estante existente ali perto. Trazida a chave, que se encontrava fora, foi abrir o móvel o doutor X... Mal, porém, êste deu volta à chave na fechadura e a porta da estante se abriu, no máximo, de uma polegada, — por êsse espaço, insuficiente, um livro (um comentário sobre a Biblia), como um sêr vivo, célere passou, indo cair longe, aberto, no meio da sala, e de entre as suas fôlhas saltou um misterioso bilhete dobrado em laço.

Esse bilhete era escrito a tinta e continha o seguinte, que reproduzimos de memória: *Os factos que aí se vão dar, nós já os vemos aqui. Como, porém, estamos fora do tempo e do espaço, vêmo-los de modo diferente daquele por que vocês aí os vêem. Não nos perguntem, pois, a verdade, porque não a podemos revelar tôda. E Deus? Do plano onde estou não O vejo, mas sinto a Sua Omnipotência.*

Abaixo dessas palavras vinha a assinatura de um médico muito conhecido e que desincarnara 5 ou 6 anos atrás. A sua autenticidade foi, imediatamente, verificada por quantos a viram no bilhete, assim como o foi, também, no dia seguinte, por diversos médicos, após haverem-na examinado e achado perfeitamente igual à que o falecido deixara nos livros do hospital onde outrora trabalhara.

Pois bem; nem êsses fenómenos de *paraquinésia* (o movimento da mesinha sob os dedos dos experimentadores e sem movimentos conscientes dos mesmos produzindo manifestações inteligentes; nem o de *apport* (o aparecimento do bilhete no interior da estante fechada); nem o de *hiloclastia* (a desmaterialização do papel do bilhete, fora da estante, para a sua rematerialização, posterior, dentro no móvel); nem o de *escrita directa* (o bilhete); nem o de *estigmatização* (as cruces nas mãos),—nenhum se impôs ao doutor F... como supra-normal, em relação ao experimentalismo científico universitário e, menos ainda, nenhum pôde convencê-lo da interferência dos espíritos nos factos ditos espíritas ou da possibilidade de comunicação com os desincarnados.

Peor do que isso, após essas sessões, o doutor F..., sobre passar a ocultar os factos que se deram em sua casa, tornou-se mais incrédulo e mais adversário do Espiritismo, e até, para desmentir aqueles que começaram a contá-lo entre os espíritas, se fez jornalista e escritor católico, em honra ao prestígio político-social do Romanismo.

Que se há-de fazer, pois, com incrédulos assim?

A nosso vêr, é deixá-los com a sua descrença interesseira e doentia, até que se lhes desenvolva o *sentido de assimilação*.

Qui nititur mendaciis, hic pascit ventos.

Baía (Brasil).

ZANELLI CALDAS

O EVANGELHO DO FUTURO

Em verdade, em verdade vos digo, que se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente.

João — VIII, 55

As grandes convulsões morais que agitam a humanidade, arrastando os povos a lutas pavorosas em que muitas vezes a razão é impunemente calcada aos pés do arbítrio; o desvairamento extremo dos maus, cuidando mais do egoísmo próprio que da salvação das almas, num cachoar de paixões que faz estremecer os bons e os humildes; os conflitos iminentes que um falso verniz diplomático mal contém, enquanto a hora não surge, estonteante, rubra de cólera, cega de extermínio,—tudo isto são sinais dos tempos preditos em passadas revelações e tendentes à renovação da vida.

A Bêsta há de saciar os instintos, há de esgotar o cálice amargurado té alvorecer a manhã redentora, radiosa de felicidade, em que a fé iluminará o mundo e um novo Evangelho apontará, sem véos, a Verdade há tantos anos oculta e obscurecida. Nesse dia, Jesus ressurgirá no âmago das almas, dando lenitivo aos escravos do êrro e animando os deserdados na desconsoladora incerteza do seu vegetar impuro. Jesus, o inimitável exemplo, Rei dos reis da Terra, reinará sem trono, nem côrte, nem honrarias efémeras, nem comitivas de luzimento. Reinará dentro de cada um de nós, levando os réprobos ao arrependimento sincero e os egoístas à beneficência espontânea, praticada como dever nobilitante e característico. Aparecerão nessa conjuntura os missionários a desbravar a charneca, preparando o terreno à vinda do Cristo, precursores duma revelação nova, adaptada aos ensinamentos da ciência moderna, de modo que cada homem busque por suas próprias mãos o caminho verdadeiro, a senda de luz mal entrevista por entre o espêssio tumultuar da noite que nos envolve.

E' bom que nos habituemos a pensar na Eternidade, para melhor compreendermos a grandeza da missão que nos trouxe ao planeta. A Eternidade é a luz, é o fanal que deve guiar-nos, na jornada dos séculos que vão rolando sempre, indiferentes ao combate dos interesses, ao nosso progresso ou ao nosso estacionamento.

Já lá vai o «ôlho por ôlho, dente por dente» da revelação moisaica; perdem-se no bafiento arquivo das opiniões insulas as *penas eternas* da Igreja Romana; e por de sôbre os dois ciclos, necessários ao lento evoluir da humanidade, paira finalmente o Espírito de Verdade, que vem ensinar às gentes, sob um aspecto inteiramente novo e em harmonia com a razão e a justiça, o Evangelho do Futuro, sem dogmas cruéis, sem absurdos intoleráveis.

O Espiritismo é a grande escola de moral onde temos de aprender o rumo da suprema viagem. Nele encontramos tudo: o consôlo espiritual nos momentos de desespero; a certeza da sobrevivência em planos mais ou menos puros, segundo a evolução do nosso *eu*; o alívio justificado pela convicção de que concluiremos a tarefa encetada, através de sucessivas reencarnações.

Viver em Cristo é exemplificar as Suas máximas, é sofrer pelo semelhante, acudir ao chamado dos que imploram o nosso auxílio, dos que desejam o bálsamo das consolações alheias. Guardar a palavra do Mestre é

permanecer na estrada ampla dos Seus ensinamentos, evitando os atalhos em que a degradação espreita.

Se assim fizermos, se as acções meritórias brotarem límpidas de nossas almas, como nascentes de cristal de rocha, terá valor, muito valor o exemplo. Teremos alcançado a vida eterna de que fala o versículo. Se morrermos para o mundo, para as suas convenções, para os seus vícios, viveremos duplamente para Deus, origem do Universo.

A vida humana é um detalhe pequeníssimo no ciclo da vida eterna. E' um incidente sem importância, se atendermos ao maravilhoso panorama da vida que espera o justo, ou ao *ranger de dentes* que aguarda o injusto, que não soube ou não quis observar os preceitos do Evangelho.

Os mensageiros do Cristo estão vigilantes. Dirigem do Alto o evoluir das almas encarceradas na matéria e guiam, de certo modo, a propaganda de regeneração geral em que nos empenhamos. São os inspiradores de todas as obras benéficas que tendem a melhorar o homem, a libertá-lo da voragem. Carreiam materiais para o futuro das raças, a-fim-de que a transformação seja gradual, sem saltos bruscos, conforme a natureza das leis imutáveis que tudo regem.

O Grande Mandamento será o código basilar da família, a qual, por sua vez, irradiará, como dum foco inextinguível, a vida perfeita aos quatro ventos do quadrante, ilaqueando o mal, sopeando tudo o que concorra para o desnivelamento do carácter, que deve estar sempre à altura da moral cristã, para que os frutos do trabalho sejam ótimos, para que a tranqüilidade volte à provação terrena, de maneira que o mundo se vá ascensionalmente modificando, até atingir o ponto desejado.

Porque a vida não consiste apenas em presenciar o decorrer dos dias, ora felizes, ora desventurados. Para *viver*, é necessário sentir activamente; apegar-se o homem ao bulício de quanto o cerca; reflectir a dor dos oprimidos e esforçar-se por minorar a pena dos condenados. Viver é isto. O resto é vegetação. Não vimos à Terra para gozar opulências, senão para provar o fel do sofrimento. O que mais sofre, é o que mais intensamente vive.

Não se ganha a vida eterna sem lágrimas, sem paciência no suportar das injúrias, sem perseverança no exemplificar do bem. A vida eterna implica a existência de uma lei geral promulgada voluntariamente pela criatura. Essa lei é o Evangelho de amanhã. E' o Espiritismo, repetimos, porque o Espiritismo foi anunciado pelo Cristo há dois milénios. E os tempos aproximam-se, denunciadores e evidentes. Há confusão nas consciências, desvario nas almas. A vida é um *salve-se quem puder* de ambições insatisfeitas, concupiscentes, avassaladoras.

— Quem reina?

— O individualismo puro.

As sociedades baqueiam, carcomidas, gangrenadas, purulentas, chagadas de mazelas incuráveis. Só um vento renovador, só uma alavanca poderosíssima apoiada no Evangelho Novo pode curar o mundo de tamanha enfermidade.

Só empunhando o Evangelho, como facho esplendoroso, salvaremos a humanidade de cair no abismo. Será essa a maior consolação da nossa alma, o maior acontecimento da nossa vida.

INQUÉRITO

VII



D. Maria O'Neill

Da Academia das Ciências de Portugal

Proseguindo na publicação do inquérito que a Revista de Espiritismo está fazendo entre as pessoas de mais alto relêvo no movimento espiritista contemporâneo, oferecemos hoje aos nossos leitores mais um interessante depoimento.

Vai falar a Ex.^{ma} Senhora D. Maria O'Neill, da Academia das Ciências de Portugal, oradora eloqüente, escritora consagrada, que ocupa um dos primeiros lugares na brilhante plêiada das mulheres intelectuais portuguesas. Em tôda a sua vasta obra, em prosa e em verso, — «A Luta de Sentimentos», «Um Drama de Ciúme», «A Marquesa de Vale Negro», «Ilusão Desfeita», «Amar é Sofrer», «Imenso Amor», «Nas Margens do Sizandro», «A Sombra do Passado», «Um Noivado Feliz», «Psalms de Amor», «Vida Real», «Almas Femininas», «O Amor tudo consegue», em prosa; e «Nimbos», «Fôlhas Soltas», «S. João nas Ruas», «O Colar de Vera», em verso; etc., etc. — perpassa um delicado sôpro de espiritualidade.

As crianças, como flores que abrem para a vida, teem merecido especial carinho a esta ilustre escritora que para elas compôs 19 volumes de contos singelos, mas instrutivos e cheios de beleza, que fazem parte da «Biblioteca para a Infância», da Parceria A. M. Pereira.

Dos infelizes, então, nem um só desconhece o nome desta senhora, cuja excelsa caridade encontra sempre alguma coisa com que minorar as suas desventuras, desde a palavra consoladora que enxuga o pranto à esmola que mitiga a fome ou cobre a nudez.

dade encontra sempre alguma coisa com que minorar as suas desventuras, desde a palavra consoladora que enxuga o pranto à esmola que mitiga a fome ou cobre a nudez.

COMO CHEGUEI AO ESPIRITISMO

Os fenómenos espiritas impressionaram-me e rodearam-me espontaneamente, desde a mais tenra idade, sem que quizesse dar-lhes atenção.

Data de 1884 o primeiro de que me recordo. Tomei sempre nota deles como de casos estranhos. Alguns são interessantíssimos. O segundo deu-se em 1894, depois em 1896, 1902, 1905, 1910, 1914 e, de então para cá, cada vez com mais freqüência.

Absolutamente convicta das Verdades Espiritas não as desejava profundar. Educada na religião católica, apostólica, romana, por uma mãe piedosamente fanática, em tudo que tocava às suas crenças, e por um frade dominicano, de grande santidade e invulgar inteligência, tinha ao Espiritismo e às Ciências Ocultas o horror que os meus guias humanos lhes manifestavam e me transmitiam.

Logo que pensei livremente, a doutrina da minha Igreja não me satisfez e a compreensão que dela tinham os homens que se propunham segui-la, ainda menos. Tão grande vi Cristo na minha alma como falseado e de-

turpado o seu verbo. Desiludida de tudo e de todos, a minha fé em Deus foi sempre inabalável.

Numa crise de grande sofrimento moral, aí pouco mais ou menos entre 1918 e 1919, vieram-me à mão, emprestados pelo Dr. João Antunes, livros de teosofia. Li e compreendi. O eterno ponto de interrogação distanciou-se mais no meu horizonte. «Não há religião superior à Verdade» foi um lema que correspondeu plenamente às minhas aspirações. Em Setembro de 1924 imprevistas e curiosas circunstâncias levaram-me a frequentar, *unicamente para estudo e investigação*, várias sessões espiritas. Muito observei e melhor radiquei as minhas opiniões.

A questão social, que tanto preocupou a minha mente na idade exuberante da existência, preparou-me talvez melhor, do que todos os estudos de gabinete o poderiam fazer, para bem compreender a vida pela vida. Sempre que uma idéa correspondeu às necessidades do meu espírito desejei vivê-la. Daí provém a íntima ligação que tenho com alguns desincarnados.

O Espiritismo, para mim, não é uma escola filosófica, nem uma religião, nem uma ciência; é muito mais do que isso tudo: é a *simples* característica dum estado evolutivo que não pode limitar-se porque o homem progride sempre.

Como me não deixo encerrar em sistemas fechados, o meu espírito procura a Verdade em tudo de que se aproxima e o meu pensamento sobe em liberdade até onde pode atingir.

O Espiritismo é a base sólida e indestructível em que apoio todas as minhas certezas experimentais e tôda a minha fé.

O que penso do Espiritismo e da sua influência sôbre a evo- lução moral da Humanidade

Penso que, num futuro muito próximo, deve ter uma expansão e preponderância mundial e, se actualmente ainda a não tem, é porque nêle, como em todos os campos da actividade humana, há sempre quem se lhe dedique por simpatia, mas sem querer tirar o esforço que só nasce da íntima convicção.

Todo aquele que tem estudado o divino livro da vida sabe que não pode levar os outros pelas idéas que alimenta no próprio cérebro, nem deve puxar-lhes pela mão para os obrigar a mover os pés na direcção que lhes deseja vêr tomar.

Eles virão e *virão breve*. Movidos apenas por uma íntima necessidade da sua alma que só se poderá alentar com êxito, nas lutas da terra, na convivência com os Auxiliares Invisíveis os melhores e mais dedicados amigos do homem que quere cumprir o dever.

O grande Platão dizia: «Não são os livros que me dão estes altos conhecimentos; é em nós que os devemos achar por uma profunda meditação; é procurar o fôgo sagrado na própria fonte... E' por isso que nunca escrevi nada sôbre estas revelações nem nunca escreverei.»

Façamos como o grande Mestre procurando, na nossa pequenez, viver e compreender a razão das suas decisões.

MARIA O'NEILL

O Espiritismo e a Arte

MÉDIUNS PINTORES

IV — Marjan Gruzewski

A comparação dos vários géneros de pintura produzidos por diversos médiuns, torna-se altamente elucidativa no estudo da mediunidade artística.

Depois de termos observado os desenhos de Victorien Sardou povoados de criações imaginárias de cunho bastante idealista, deslizaram os nossos olhos pela reprodução de algumas telas de Agostinho Lesage, maravilhosas combinações de motivos arquitectónicos inspirados em várias escolas orientais da antiguidade sem estilo definido, e tivemos finalmente ocasião de apreciar as fotografias de alguns dos mais notáveis trabalhos medianímicos do prof. Luigi Bellotti.

Naqueles cuja reprodução fizemos, observa-se igualmente, a par de produções simbólicas de visões extra-terrenas, a representação magistral de personagens e cenas impressionantes cuja evocação desperta em nós sentimentos profundos de respeito e emoção. E' neste último médium que se nota a maior diversidade de temas tratados; até uma paisagem bucólica e um campanário de aldeia foram motivos escolhidos pelos inspiradores espirituais de que Luigi Bellotti é o intérprete inconsciente, para dois dos seus belos quadros e desenhos.

Vamos agora analisar as manifestações artísticas de um médium também célebre, cujas produções são inspiradas em simbolismos e em representações em que a ambiência espiritual aparece sempre bizarramente esboçada.

Marjan Gruzewski, a quem nos queremos referir, nasceu em Wilna, na Polónia, o país dos grandes médiuns, a 18 de Setembro de 1898,

sendo descendente duma família de proprietários agricultores. Desde a mais tenra idade êle teve visões que por vezes o aterrorizavam pela sua insólita aparição. Não só de noite em que com mais intensidade êle se via rodeado de rostos humanos, mas também de dia, e em plena luz, o ambiente que o cercava era densamente povoado por seres que êle ainda não tinha o discernimento de qualificar mas que, muito especialmente durante as noites de luar, o torturavam com os seus esgares aflitivos ou escarninhos. Aos 8 anos começou a aprender a escrever e — coisa singular! — a mão não obedecia à sua vontade, parando quando êle queria que se movesse, ou fazendo traços bem



O Mistério Egípcio

diversos dos que êle desejava. Muitas vezes, com grande espanto seu, a pena ou o giz foram projectados a distância com tôda a violência. Os mestres julgavam-no insusceptível de aprender e a família supunha-o doente. E, a-pesar do tratamento instituído pelos médicos para acalmar o seu nervosismo nada se conseguiu, tendo Marjan abandonado os estudos.

Aos 15 anos, em 1913, Gruzewski perdeu a mãe, o que lhe causou um profundo abalo que contribuiu provàvelmente para fazer eclodir as faculdades supranormais admiráveis que hoje possui. Dois anos mais tarde falaram-lhe das doutrinas espíritas e dos factos em que elas se apoiam, conversa esta que deixou Marjan irritado com a pessoa que desejava iniciá-lo na sua crença, porque êle a supunha indigna de merecer a atenção de pessoas sensatas. Em todo o caso, um irmão seu que assistira a essa palestra foi mais acessível à compreensão das doutrinas espíritas e, dentro em pouco, também Gruzewski encarava mais serenamente a possibilidade dos fenómenos psíquicos, prestando-se a tentar algumas experiências com a mesa. A principio os resultados foram pouco apreciáveis sob o ponto de vista da manifestação de entidades inteligentes, mas feriram-lhe, todavia, a atenção, os movimentos que se produziam ao contacto das suas mãos.

Eis como êle próprio conta os progressos das suas faculdades, nas experiências a que procedeu:

«Primeiramente as sessões fizeram-se na obscuridade e depois à luz vermelha. Ao fim dum mês a mesa começou a levantar-se inteiramente ao contacto das nossas mãos e depois sem nenhum contacto, desde que estivessemos de mãos dadas em volta dela. Seguidamente vários objectos existentes na sala foram trazidos para cima da mesa por uma fôrça invisível. Depois chegámos, solicitando sempre novos fenómenos, a achar, terminada a sessão, instruções escritas a lápis no papel que tínhamos previamente colocado sôbre a mesa. Produziram-se, enfim, fenómenos mais importantes: materialização de mãos, de cabeças, e vozes. Começávamos em plena obscuridade e quando as materializações se manifestavam, acendia-se a luz vermelha. Viam-se então mãos e cabeças muito vivas.

Quando se tratava duma mão bem formada, era continuada por alguma coisa que não era um braço, mas antes uma espécie de laço que vinha ter ao meu braço. Esta mão temporária nunca se afastava de mim. Eu sentia os seus movimentos para apreender os objectos; sentia o pêso dos objectos, o seu contacto, as impulsões que êles recebiam. Estas materializações de mãos que actuavam sôbre as coisas saíam geralmente do meu braço.

Outras vezes as materializações vinham dum quarto visinho cuja porta abria para aquele em que nos encontrávamos. Vimos um vulto de sêr humano entrar por esta porta e ficar no nosso quarto durante cêrca de meia hora, batendo levemente portôda a parte e escrevendo, com lápis num papel, respostas ao que lhe perguntávamos. Ouvimos algumas vezes vozes, passos nítidos, provindo dos vários cantos da casa. E sucedia bastantes vezes que os objectos, visíveis à luz vermelha, se deslocavam dum lugar para outro da sala. Durante um ano fizemos sessões diárias com produção regular destes fenómenos. Por algum tempo o nosso grupo compôs-se de meu irmão, minha irmã, meu primo e eu; depois aumentou, chegando a contar até nove e dez assistentes. As sessões tornaram-se depois menos frequentes.

Uma noite — acabava de fazer 19 anos — o lápis escreveu pela minha mão que devia sentar-me num fauteuil e cair em transe. Recusei-me; mas a-pesar-disso senti-me atraído para um fauteuil e perdi a consciência. Ao meu despertar achámos escrito pela minha mão



A Loucura

que era o meu guia, o general V. K., que assim queria e que nos diria sempre por escrito o que devia fazer-se durante as sessões.»

Nesta segunda fase da sua mēdiunidade os fenómenos diminuíram consideravelmente, causando a transformação operada grande pesar aos membros do grupo que ficaram assim privados de belas manifestações duma excepcional raridade. A razão desta transformação, foi, segundo o explicaram as entidades comunicantes, a maior facilidade que os espíritos teriam em falar pela boca do médium do que em escrever pela sua mão. Ao princípio o médium exprimiu-se com dificuldade, mas a pouco e pouco a sua voz foi aclarando e conseguiu então fazer belos discursos filosóficos que encantavam todos os presentes.



A Marcha funebre de Chopin

faculdades picturais nascentes se desenvolveram com intensidade, dando lugar às belas manifestações artísticas de que reproduzimos alguns espécimens elucidativos.

Este médium maneja com suprema habilidade o lápis, os pinceis e as tintas, revelando um conhecimento anatómico profundo das formas humanas e animais, cuja representação êle faz admiravelmente qualquer que seja a sua atitude, e que nunca poderia executar com as rudimentares noções de desenho que lhe tinham ministrado em tempos. Como já tivemos ocasião de dizer êste médium figura, quási sempre, a ambiência espiritual que rodeia qualquer concepção que lhe é inspirada e, muito especialmente, o retrato de qualquer pessoa. Ele próprio exprime assim as suas impressões:

« Quando estou em transe qualquer pessoa não me aparece sôbre o mesmo aspecto com que se me apresenta quando estou acordado. Percebo-a banhando num grande movimento de fluidos, diversamente luminosos e coloridos. E' a sua aura. Cada indivíduo tem uma aura característica. Além disso, em volta de cada pessoa, vejo outros rostos humanos, reflexo dum mundo normalmente invisível de entidades falecidas que tiveram relação com ela nesta vida ou em vidas anteriores. »

Segundo a opinião de vários críticos que teem analisado a obra de Gruzewski, algumas das suas produções teem o cunho característico de

diversos pintores polacos já falecidos, como Matejko, Wyspianski, etc.

As convicções íntimas do médium fazem-no afirmar corajosamente a origem espírita dos seus trabalhos, protestando êle categoricamente a sua completa passividade durante o transe na produção dos seus trabalhos medianímicos. E' curioso observar que Gruzewski, em virtude talvez de serem incompreendidos os seus desenhos, deseja tornar-se um pintor normal, tendo dedicado ultimamente ao estudo do desenho e da pintura os seus melhores momentos. Tem porém no estado normal, a par duma grande morosidade na execução, grandes falhas de técnica que são habilmente supridas no estado de transe, durante o qual são resolvidas todas as suas dificuldades.

Para corroborar a origem supranormal dos fenómenos que produz basta citar o exemplo de ter êle desenhado em 1917 a carta geográfica da Polónia actual, nessa época completamente imprevisita. Isto representa, pelo menos, uma manifestação criptestésica no futuro, mesmo desprezando a hipótese, muito verosímil, de que êle teria sido informado por entidades vivendo no mundo espiritual em condições de o poderem fazer. Agora o que revela mais claramente a sua visualização real dêsse mundo espiritual é a identificação de entidades dêle desconhecidas, cuja descrição permite aos assistentes o seu reconhecimento, muito especialmente quando o médium, em casos raros mas altamente convincentes, faz a representação gráfica das suas visões.

O transe experimentado por êste médium não é sempre da mesma natureza e intensidade, podendo distinguir-se nele, como muito bem o observou o Dr. Osty, autor do belo artigo donde extratamos êstes dados (1) um *grande transe* de 20 a 40 minutos de duração no qual está inteiramente isolado do que o cerca sem lhe ficar a mais leve recordação do que durante êsse estado se passou; e um *pequeno transe* de alguns minutos, no decurso do qual êle percebe a luz e sente qualquer ruido que, sendo forte, pode fazê-lo despertar por completo.

Os seus grandes trabalhos são executados em grande transe, do qual é por vezes difícil fazê-lo sair para voltar ao estado consciente normal. Para atingir o grande transe é indispensável a intervenção da vontade do médium. Se fôr muito prolongado êsse estado sonambúlico, o médium fica extremamente fatigado, mentalmente confuso e com dôres



Icaro

(1) « Nos confins da Psicologia clássica e da Psicologia metapsíquica » — *Revue Metapsychique* n.º 2-1928.

de cabeça. Alguns dos seus quadros foram executados num só transe, tendo outros necessitado de dois e três para serem terminados.

Entre os seus trabalhos há alguns de verdadeira beleza, dum género estranho e bizarro. A obra de Gruzewski foi exposta, parcialmente, em Var-



Os Gnomos comendo flores astrais

sóvia em 1921, 1922 e 1926, em Wilna em 1923, e em Paris, nas Galerias Bernheim, em 1927. A-pesar disso as produções dêste médium pintor são muito pouco conhecidas e talvez pouco apreciadas pela maioria dos freqüentadores de exposições que aí vão encontrar um género de pintura inteiramente novo. Nalguns retratos feitos por êste médium, acha-se a personagem que êle quiz reproduzir, rodeada de rostos humanos e de sombras que representam os fluidos que constituem a ambiência espiritual dessa pessoa. Isto não pode deixar de causar a maior estranheza a quem não tenha o menor conhecimento das concepções ocultistas e espiritistas.

Num dos quadros que reproduzimos, « *A Loucura* », está nitidamente expressa a teoria espírita da obsessão, geradora de algumas formas de loucura, figurando a perseguição pertinaz do obsessor sôbre o desgraçado paciente. E esta teoria acha-se comprovada por metapsiquistas ilustres, indiferentes à teoria espírita, como o demonstrou a brilhante tese apresentada ao 3.º Congresso Internacional de Investigações Psíquicas, realizado em 1927 em Paris, pelo sr. W. Franklin Prince, sôbre a cura da paranoia pela acção sôbre os « *pretensos* » espíritos obsessores.

Os trabalhos de Gruzewski são a representação integral das teorias que êle perfilha, sendo natural que as suas faculdades supranormais lhe permitam a figuração das entidades que rodeiam os vivos, dos incidentes ou das personificações de vidas anteriores. O antropomorfismo com que êle representa o mundo espiritual não é tão inconcebível como parece à primeira vista, desde que tenhamos em linha de conta as possibilidades organizadoras do pensamento humano, que ha-de necessariamente produzir criações em harmonia com as concepções humanas. Algumas das melhores obras inglesas e, entre elas, Roymond, de Sir Oliver Lodge, descrevem-nos fases da existência

no mundo espiritual enquadradas num cenário que é uma cópia viva da existência material, tal como a conhecemos, o que só pode compreender-se pelo conhecimento das faculdades modeladoras do pensamento que cria um meio transitório, compreensível para quem abandona êste planeta, preparando assim os neófitos para a vida subsequente, puramente espiritual.

Segundo os metapsiquistas materialistas e animistas, os fenómenos devidos à intervenção dum médium, não passam de manifestações inexploradas do seu psiquismo que, em condições ainda imperfeitamente conhecidas, revela possibilidades estupendas cujo estudo alargará os horizontes da biologia, da fisiologia e da psicologia clássicas. E assim Gruzewski, espírita, está influenciado pelas doutrinas dos seus mestres e produz apenas efabulações auto-sugestivas em harmonia com as suas concepções, indo buscar ao subconsciente, êsse repositório inexaurível a que todos recorrem quando se acham em dificuldades de interpretação teórica, os elementos para as suas produções.

Recordaremos, a propósito, uma história publicada há pouco na «*Light*» que parodia com certa graça o espírito misoneista da ciência oficial. Ei-la em resumo:

Um dia o nosso planeta achou o seu fim no choque violento com algum asteroide, mas por um milagre inexplicável, num dos fragmentos a que ficou reduzido, sobreviveu um sábio ilustre de suíças grisalhas e óculos de tartaruga, a-fim-de proclamar ainda que todos os fenómenos metapsicológicos eram apenas determinados pelo subconsciente... E o acidente que tinha pulverizado o mundo, não lograra atingir a teoria explicativa dos fenómenos psíquicos, teoria esta que afinal não explica nada.

Ora a verdade nunca se encontra nos extremos; e quem ansiosamente a procurar só a achará num justo equilíbrio das teorias aparentemente antagónicas. *In medio stat virtus...*

Havemos de convir que, na análise crítica dos fenómenos supranormais, como em tudo, afinal, é muito preferível usar as fortes lentes que a visão interior nos faculta, quando iluminados por uma razão clara, aos célebres óculos de tartaruga que encurtam o campo visual, em virtude das sombras perturbadoras que os preconceitos de escola projectam nos ilustres e conspícuos portadores dessas ostensivas insígnias da sapiência.

PEDRO CARDIA

Trazes na tua alma uma biblioteca admirável, de Sabedoria e de Luz; — mas só na meditação profunda, na calma serenidade da tua consciência, poderás interpretar os seus conceitos sublimes.

*

A caridade é, talvez, o melhor campo de cultura espiritual; — mas é necessário semear sem ambição e colher sem vaidade.

*

A fé cega e passiva cria fanáticos; a fé raciocinada produz filósofos; a fé vivida pelo exemplo gera santos. Torquemada, Platão e S. Francisco de Assis são expressões máximas das variações limites da fé.

*

Contempla as estrêlas do céu; mas não esmagues os vermes da terra...

ANTONIO J. FREIRE

A Federação Espirita Portuguêsa

Está em via de realização uma das obras mais grandiosas que podem interessar a já numerosa família espirita portuguesa, porque essa obra representa o problema vital da nossa Federação e é a base sólida da nossa propaganda. Referimo-nos à construção de sede própria onde a Federação Espirita Portuguesa possa instalar-se definitivamente, tornando-se o Templo augusto do nosso Ideal, neste país de tão gloriosas tradições.

Depois de adquirido o terreno, tornava-se necessário organizar o plano da construção e aprovar o projecto que melhor satisfizesse as exigências duma colectividade de tal natureza, angariando as receitas indispensáveis. Assim se procedeu.

A Comissão Pro-Sede da F. E. P. não se iludiu ao confiar no nobre espírito de sacrifício dos seus abnegados consócios, porque muitos têm contribuído com generosos donativos, mas é com mágua que reconhecemos que todo o auxílio financeiro que até hoje temos recebido, não nos permite entrar imediatamente no campo das realizações práticas como era nosso intenso desejo. As únicas dificuldades que actualmente se apresentam à construção da nossa sede são de ordem financeira, e essas não as pode vencer a nossa boa vontade, sem o auxílio de todos.

Apelamos, pois, mais uma vez para o acendrado amor que a todos os espiritas e simpatizantes deve merecer o sublime Ideal que propagamos e defendemos, para assim podermos iniciar, sem demora, os trabalhos de construção da nossa sede, que é a casa espiritual de todos nós. A todos os nossos confrades que ainda não devolveram a lista de subscrição que lhes foi enviada, pedimos a fineza de o fazerem no mais curto lapso de tempo possível, para sabermos a receita com que podemos contar.

Antes de terminar estas breves palavras desejamos registar, aqui, a generosa atitude da Federação Espirita Espanhola que, espontaneamente, quiz colaborar, com o seu auxílio financeiro, neste belo empreendimento, deixando-nos profundamente sensibilizados e agradecidos, o seu gesto de carinhosa confraternização.

A COMISSÃO PRÓ-SEDE

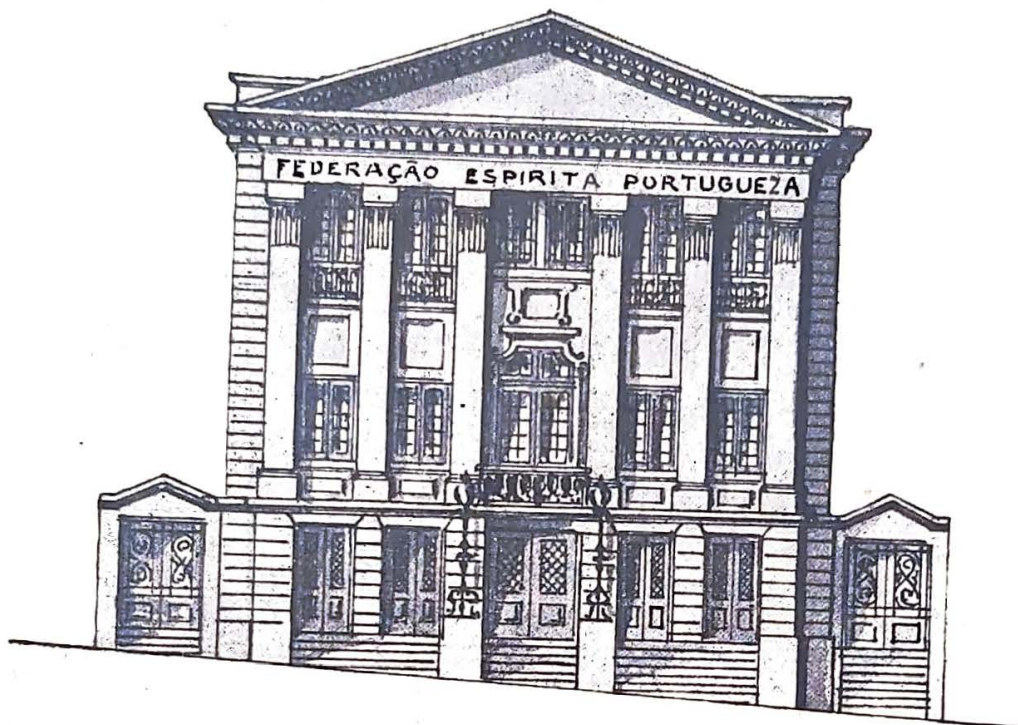


Esboço da maquette do frontão

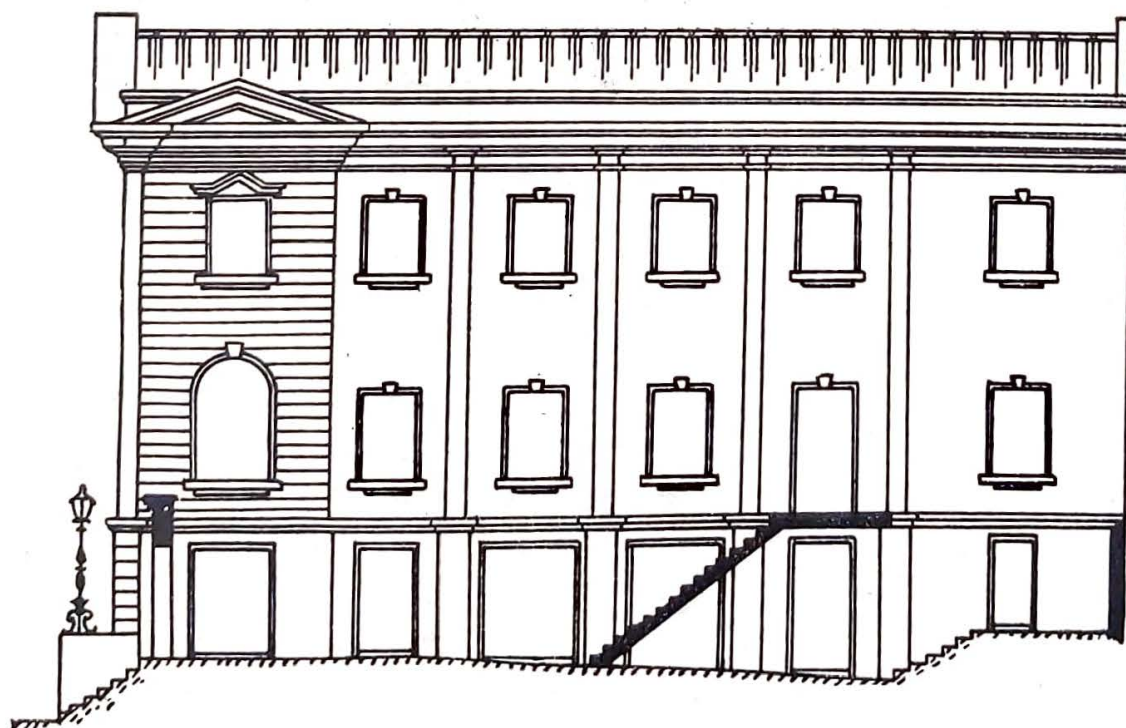
Trabalho do jovem e distinto escultor sr. Salvador Barata Feyo

Projecto da Sede da Federação Espirita Portuguêsa

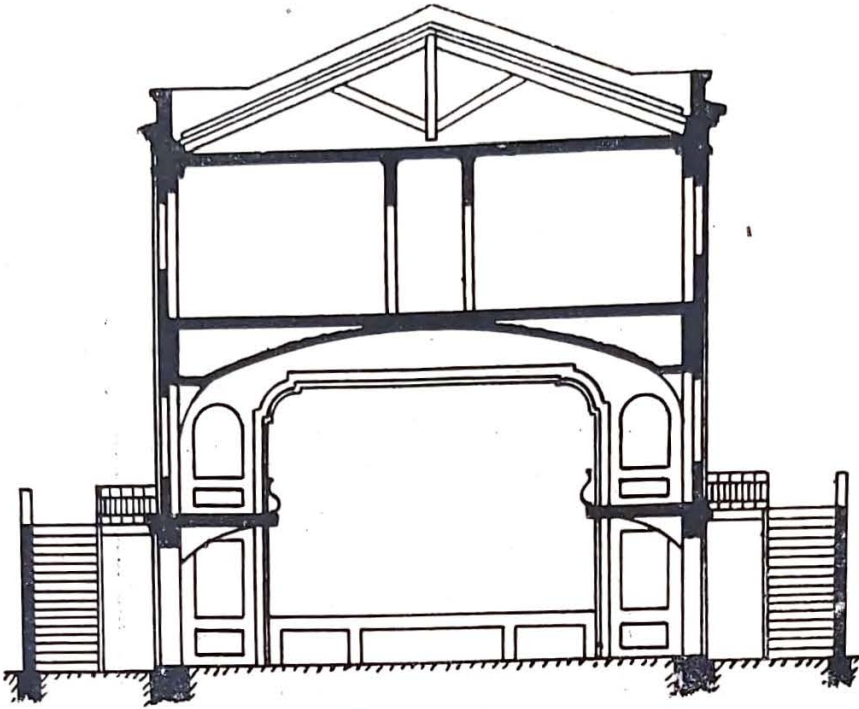
(Aprovado definitivamente pelo C. S. D. em sua sessão de 1 de Junho de 1929)



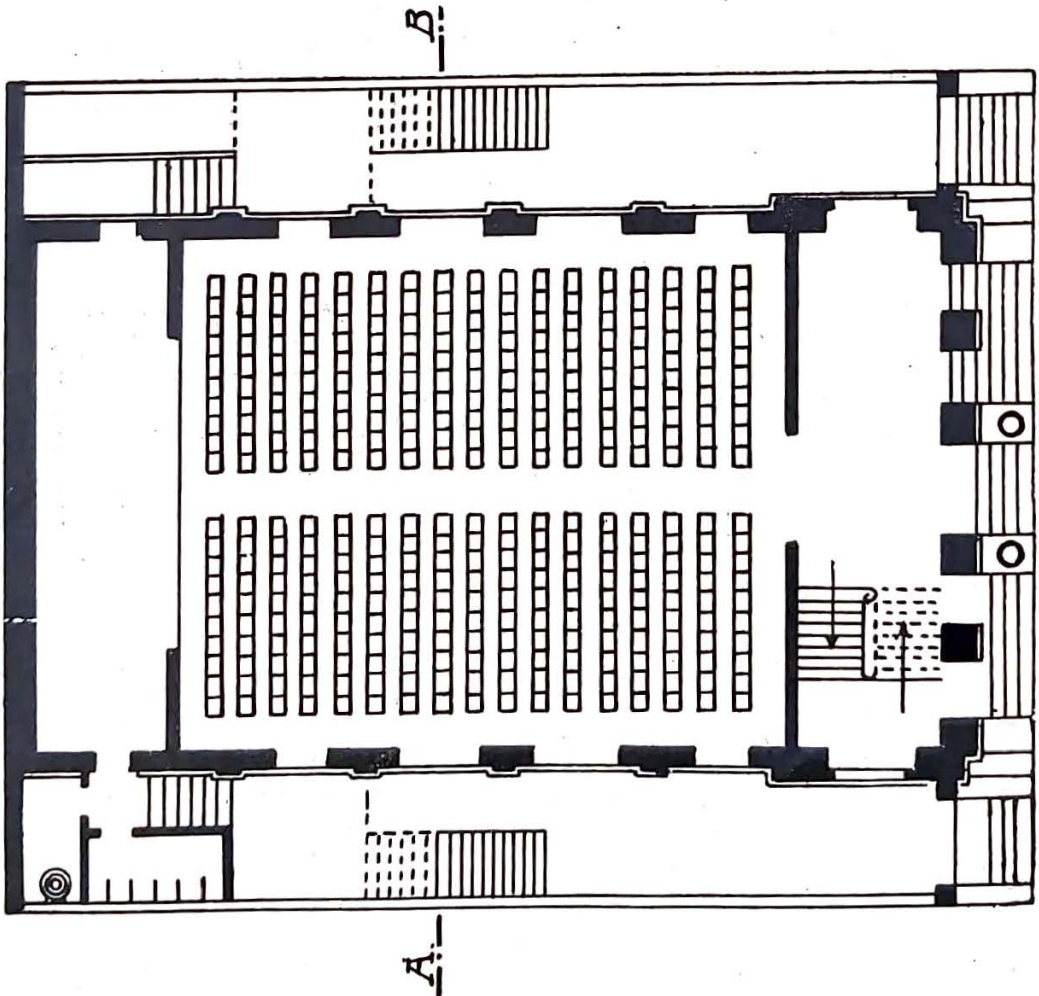
Fachada principal



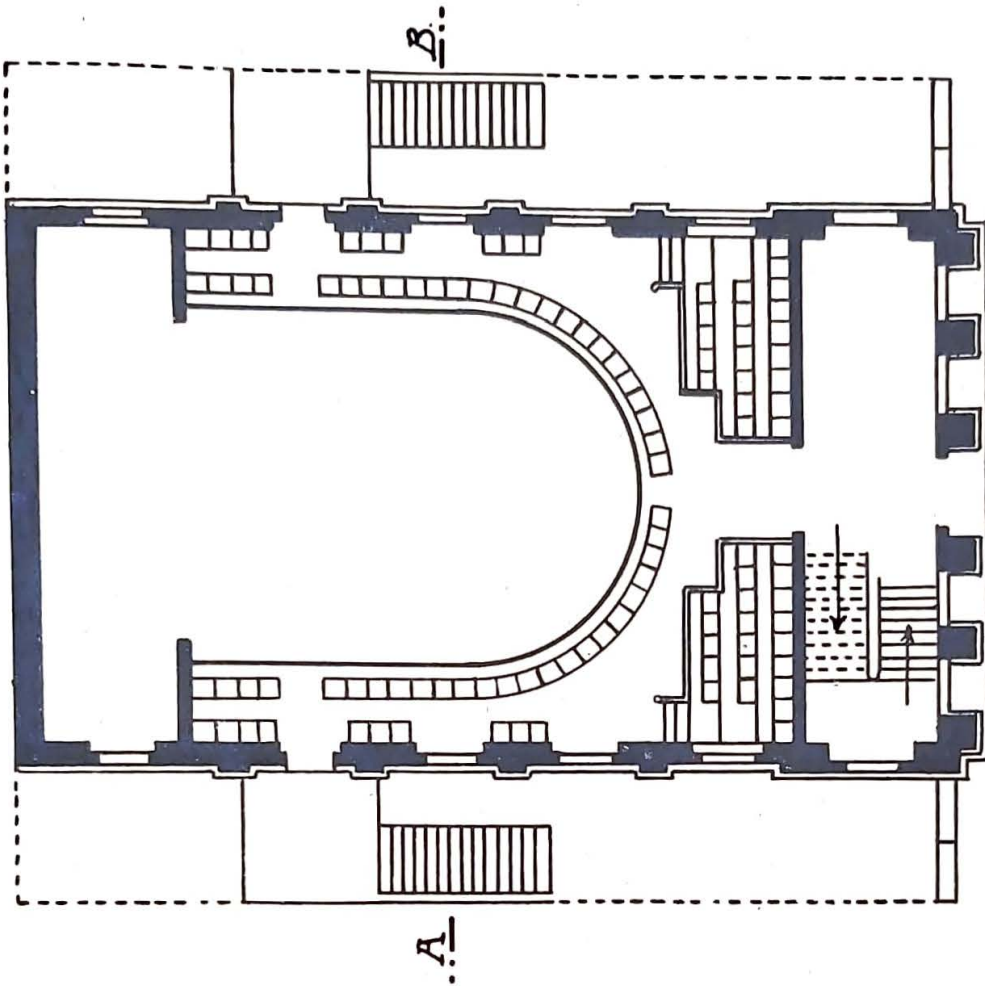
Fachada lateral



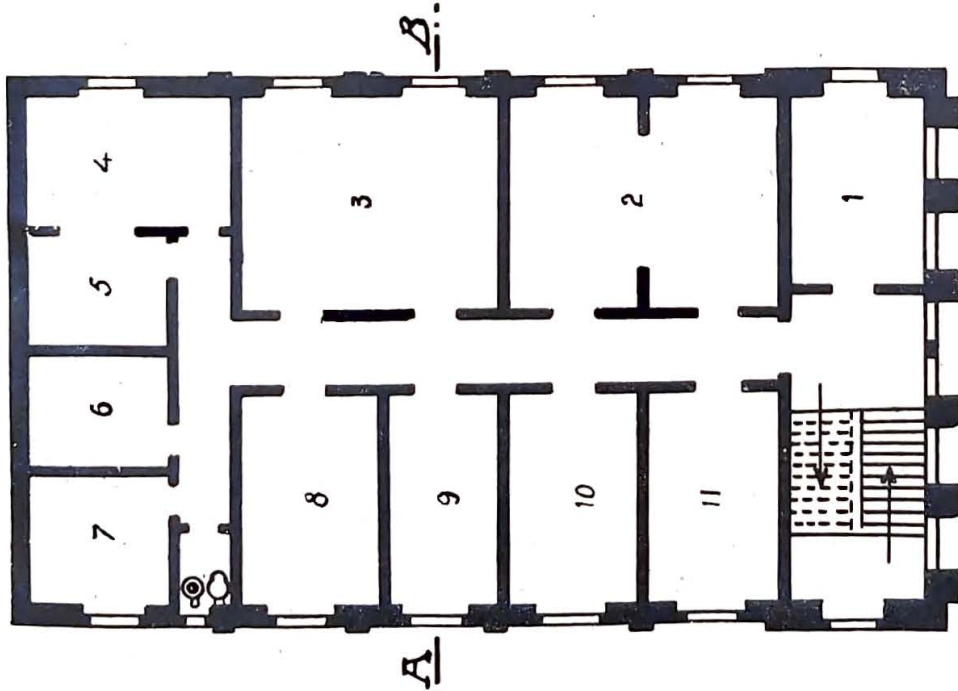
Corte por A B



Salão de conferências: Planta do rez do chão



Salão de conferências: Planta da galeria



- 1-Sala de espera;
- 2-Salão de reuniões;
- 3-Biblioteca;
- 4-Laboratório metapsíquico;
- 5-Gabinete fotográfico;
- 6 e 7-Gabinetes de trabalhos experimentais;
- 8-Casa de embalagem e expedição;
- 9-Gabinete da «Revista de Espiritismo»;
- 10-Gabinete da Direcção;
- 11-Secretaria.

Planta do 2.º andar

CRÓNICA ESTRANGEIRA

As materializações em Reims — O «*Bulletin du Conseil de Recherches Metapsychiques*» de Bruxelas, publica no seu número de Julho um relato muito interessante de duas sessões a que assistiu, em Reims, um dos membros do Conselho da Sociedade de Investigações Metapsíquicas de que aquele boletim é órgão. O sr. Rutot, Presidente, precede êsse relatório de algumas considerações muito interessantes sôbre a evolução dos notáveis fenómenos observados no círculo de Reims, recapitulando os processos que nortearam vantajosamente o Presidente do Centro, sr. Leroy, na condução dos trabalhos, processos êsses que são os aconselhados pelo sr. Achilles Borgnis e que sinteticamente enumeraremos, tais como foram postos em prática no grupo de Reims.

Numa sala de 6 metros por 4, cujas três janelas podem ser hermeticamente fechadas, defendendo a casa da luz exterior, reúnem-se os componentes do grupo, sentando-se em cadeiras colocadas ao longo das paredes e obstruindo a única porta de entrada, que se acha no ângulo diametralmente oposto àquele em que se instalou o gabinete medianímico, aproveitando para êsse efeito, como aconselha Borgnis, o ângulo da sala, que se acha tapado por uma cortina negra abrindo ao meio. Impedindo a passagem duma outra porta que dá para um pequeno gabinete contíguo sem outra comunicação, reservado a carregar os alvos fosforescentes, acha-se uma mesa sôbre a qual está colocado o gramofone e os discos.

No gabinete medianímico, forrado de panos negros, estão o *fauteuil* do médium e uma pequena mesa redonda sôbre a qual se acha um ramo de flores e algumas folhas de papel. No chão, diante do gabinete negro, estão os alvos luminosos. Na sala há um turíbulo onde se queima incenso.

O médium que tem dado lugar aos extraordinários fenómenos de Reims, narrados pelo sr. Buysse, foi aquele com quem se obtiveram melhores resultados entre os médiuns seleccionados nos habitantes de Reims, de comportamento exemplar reconhecido, sem qualquer preocupação de categoria social, e em cuja ambiência se tinham observado fenómenos supranormais. As pessoas cujo desenvolvimento como médiuns foi tentado, foram submetidas a várias experiências que consistem especialmente em verificar: 1.º se são sensíveis à atracção simplesmente pela acção do olhar duma pessoa colocada atrás delas, sem a intervenção da sugestão; 2.º se, na obscuridade, adormecem inconscientemente e o bastante para não serem despertadas pelo gramofone; 3.º se, durante o sono, determinar ruidos sêcos — *raps* — anunciando a possibilidade de fenómenos físicos.

Desde que a pessoa satisfaça a estas três condições pode considerar-se como um passivo cujo desenvolvimento deva ser tentado.

Foi assim que o sr. Leroy desenvolveu sucessivamente três médiuns, o último dos quais, M.^{lle} Chevalier, foi o que determinou os interessantes fenómenos descritos, obtidos num grupo que ao principio tinha apenas pouco mais de meia dúzia de assistentes e que, a pouco e pouco, chegou a 18.

Desde 19 de Agosto de 1926 até ao presente, toças as modalidades de fenómenos físicos foram obtidos gradualmente em sessões semanais, desde os raps da 1.ª sessão, até à telequinésia, escrita directa, *apports*, ectoplasma, voz directa, etc..

Numa das sessões relatadas pelo sr. J. Buysse, realizada a 24 de Maio de 1928 às 21,30, com a assistência de 15 pessoas, com a sala apenas iluminada pelos alvos fosforescentes de fluoreto de cálcio, depois de se ouvirem pancadas muito nítidas, produziu-se um vento fresco acompanhado de emanações perfumadas em que o perfume de rosa sobressaía, sensação esta que aumentava ou diminuía como se uma entidade invisível, produtora do fenómeno, se aproximasse ou afastasse.

Os alvos colocados no chão levantam-se e iluminam francamente uma entidade materializada, que se dirige ao sr. Buysse com uma flor na mão. Com um alvo descreve no ar várias letras maiúsculas que, ligadas, dão a frase: «*A primeira flor para os convidados*». Entregando a flor com uma profunda saudação, a entidade retira-se e o alvo volta para o seu lugar. Pouco depois manifesta-se a entidade familiar *Blanchette* que, iluminando a cabeça, solta os seus longos cabelos para que os assistentes os toquem, dizendo: «*São mais compridos que os do médium*». (O médium tem o cabelo cortado). Virando-se para o sr. Buysse, escreve no ar com um alvo: «*Tereis uma madeixa de cabelos para a Bélgica*». Como o gramofone toca a «*Valsa azul*» a entidade dança-a graciosamente, assobiando-a ao mesmo tempo. Tenta cantá-la mas os seus esforços são inúteis, escrevendo novamente no ar: «*Não posso cantar como Carmencita*». Depois disto saúda os presentes e retira-se.

Logo a seguir os alvos levantam-se para iluminar uma nova forma humana que os assistentes reconhecem como Carmencita. Depois de distribuir flores pelos assistentes, excitada pela música, exclama: «*Como em Espanha*»; põe-se então a dançar com muita vivacidade uma dança espanhola, descrevendo com os alvos fosforescentes caprichosos arabescos. Ao retirar-se atira uma flor ao sr. Buysse, exclamando: «*Como na arena. Ollé!*»

Aparece depois, materializada, Krisma, a mussulmana, que saúda todos os assistentes à

moda turca. Aproxima-se deles e ao passar junto do sr. Buysse ilumina intensamente a cabeça, o que lhe permitiu admirar o brilho dos seus olhos negros. Depois de dizer: «*Vão vir os parentes, eu retiro-me*», desaparece para dar lugar a uma entidade desconhecida que diz chamar-se Maria. Em seguida aparece uma outra entidade que diz ser João Pedro, dirigindo-se a uma senhora do grupo que nela reconhece seu pai. A entidade exclama: «*Minha filha*», seguindo-se uma scena tocante em que depois de carinhosos afagos a entidade se retira dizendo: «*Escuta os conselhos de tua mãe que te visitará esta noite em sonho*». Seguidamente apresenta-se uma entidade que dá pelo nome de Luísa e se dirige para uma sua irmã a quem fala de vários assuntos familiares sem ser porém bem compreendida, o que a leva a retirar-se dizendo: «*Compreendemo-nos muito mal*».

Materializa-se então um homem de alta estatura que todos reconhecem como o guia Xao que foi, ao que parece, um padre indú. Este, depois duma conversa amigável, analisa o retrato duma entidade familiar, conhecida pelo nome de Muguette, desenhado pelo pintor Fourier, que faz parte do grupo. Esta entidade materializa-se em seguida com grande nitidez, permitindo verificar aos assistentes a sua perfeita semelhança com o retrato. Depois senta-se nos joelhos do sr. Buysse que em seguida conduz para o meio da sala onde dança com entusiasmo, ao som da música, nos passos mais imprevistos. Faz o mesmo a outros dois assistentes depois do que, reconduzindo ao seu lugar um homem corpulento, diz: *Ele está quente*.

Esta scena desperta hilaridade em todos os presentes. O sr. Leroy pede à entidade que lhe deixe alguns pedaços do véu em que está envolvida ao que ela aquiesce, materializando uma tesoura com que corta vários pedaços que distribui graciosamente pelos assistentes, retirando-se com saudações amáveis.

Seguidamente um alvo escreve: «*Uma mãe vai abraçar o seu filho*», aparecendo uma entidade que conversa em voz baixa com um dos assistentes, que reconhece a mãe, terminando por estas palavras: «*Estou lá sempre para vos servir de traço de união*».

Em seguida materializa-se *Elisa*, parente desse mesmo cavalheiro, estabelecendo-se nova conversa. Os alvos então escreveram: «*Em breve Rolando estará contente. Tereis instruções por incorporação.*»

Carmencita torna a aparecer, assobiando a música tocada pelo gramofone e cantando admiravelmente e a pedido das suas canções predilectas: o «*Credo do Camponês*» e o «*Anjo do Mar*». Ouve-se no gabinete negro o ruído dum lápis escrevendo e duma tesoura cortando. São atiradas ao chão muitas folhas de papel e em seguida um alvo eleva-se no ar iluminando uma entidade que entrega ao sr. Buysse um desses papeis, contendo algumas palavras escritas. Depois de meter uma madeixa de cabelos na folha de papel, dobra-a e entrega-lha, desaparecendo imediatamente.

O guia incorpora-se no médium e diz que vão manifestar-se do mesmo modo dois aviadores que não puderam materializar-se por falta de força. O que primeiro incorpora diz, pela voz do médium: «*a venda que trago sempre na vista far-vos-há reconhecer facilmente o meu companheiro ao qual dou a palavra*».

Os assistentes compreenderam que se tratava dos aviadores Coli e Nungesser, que tentaram a travessia do Atlântico. Este último descreve a viagem e o seu fim trágico e depois fala da mãe que sempre pensa encontrá-lo vivo, e que está afinal na verdade, embora a sua reunião só possa fazer-se quando ela exalar o seu último suspiro. A entidade fornece em seguida ao sr. Buysse uma prova incontestável de clarividência, falando-lhe dum artigo escrito por êle a respeito da morte dos dois aviadores, subscrito com um pseudónimo que ninguém em Reims poderia conhecer.

Depois do médium se calar, bateram finalmente três pancadas, o que era sinal de que a sessão tinha terminado, tendo durado mais de 3 horas. Ao acender a luz achou-se o médium coberto de flores e sobre a mesa uma folha de papel com palavras de reconhecimento do guia aos assistentes, pelo modo como se tinham comportado, e uma outra com um avião desenhado. O sr. Buysse encontrou no embrulho que lhe tinha sido entregue a seguinte frase: «*Recordação duma amiga. Blanchette*».

Na impossibilidade de nos alongarmos no relato da outra sessão de dezembro de 1928, concluiremos dizendo que, perante factos tão extraordinários, a manifestação dos desincarnados nos parece incontestavelmente demonstrada, não havendo teoria que possa englobá-los, explicando-os, por maiores acrobatismos de raciocínio que os detractores do espiritismo inventem. E a observação sucessiva dos fenómenos fornece provas cumulativas dum tal valor teórico que a sua interpretação há-de, dentro de muito pouco tempo, ser uniformemente aceita.

Um grande concurso — O grande benemérito do Espiritismo e da Metapsíquica e grande amigo da Federação Espirita Portuguesa, sr. Jean Meyer, acaba de promover por intermédio da Sociedade de Estudos Metapsíquicos, de que foi o fundador e de que é o inspirador, um concurso cujas condições se acham consideradas na seguinte circular:

«A Sociedade de Estudos Metapsíquicos, de responsabilidade limitada, com o capital de 4.000.000 de francos, com sede na Rua Corpénico, 8, Paris, abre um concurso entre os investigadores de todos os países para a descoberta dum aparelho simples e prático que permita ao médium receber mensagens do além, em que o subconsciente não influa.»

A importância duma solução lógica do problema das possíveis comunicações com aqueles que chamamos mortos, impõe-se. As recentes descobertas em T. S. F. facilitarão a tarefa dos inventores. Estamos contudo persuadidos de que muito tempo ainda o médium sensitivo continuará a ser o verdadeiro posto receptor e que um aparelho que possa apenas desviar completamente a acção do subconsciente pode prestar imensos e rápidos serviços à ciência.

O praso do concurso abriu no dia 1.º de Maio e findará em Dezembro de 1929.

Será nomeada uma comissão de seis pessoas competentes para o exame dos aparelhos apresentados (os quais terão apenas um número de ordem) e para a concessão dos prémios.

- 1.º prémio 8.000 francos
2.º prémio 2.000 francos

A correspondência e as ofertas devem ser dirigidas a M. Jean Meyer, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional e Director da «*Revue Spirite*», 11, Avenue des Tilleuls, Villa Montmorency, Paris (XVI).

No momento actual, em que inúmeras e portentosas descobertas surgem constantemente em todos os ramos do saber e actividade humana, concebe-se a possibilidade de que, baseando as investigações, por exemplo, na recentíssima descoberta assinalada há pouco tempo na «*Revue Spirite*», da estreita relação entre os fenómenos eléctricos e os fenómenos mediúnicos, possa atingir-se o *desideratum* que inspirou este concurso. Eis como a descoberta inesperadamente foi feita. Dois engenheiros ingleses da Sociedade de Electricidade Rhodes, de Londres, ao montar condutores de alta tensão, verificaram, na obscuridade, a materialização duma mão humana emergindo duma esfera luminosa azulada, formada sobre um dínamo em acção. Os mesmos engenheiros tentaram provocar novas experiências e obtiveram uma cabeça materializada que pôde ser fotografada.

A importante revista alemã, «*Zeitschrift für Parapsychologie*», diz que já se tinham produzido fenómenos análogos no Laboratório de Investigações de Freiburg e no Laboratório Shanektady, da América.

O ilustre engenheiro francês, sr. Henri Azam, já tinha exposto no seu bellissimo trabalho, publicado na «*Revue Spirite*», intitulado «*O Verbo Creador*» uma teoria sua, da criação e da evolução da consciência em que incidentalmente considerava os fenómenos mediúnicos objectivos de natureza eléctrica.

Como esta descoberta concorda com os seus pontos de vista, dirigiu-se ao redactor da *Cote d'Azur medicale* que noticiando-a, confirmava os resultados pelas suas experiências pessoais. Como a sua resposta oferece um extraordinário interesse, transcrevêmo-la da «*Revue Spirite*»:

«No curso dos meus trabalhos ocultos e psíquicos quiz reconstruir o fantasma astral por vibrações ressonantes. Assim como o fiz notar no meu artigo, os fenómenos mediúnicos (quando verdadeiros) são unicamente devidos à força magnética animal de que o médium é o condensador. Quiz reconstituir uma esfera de vibrações sincrónicas análogas às que emanam do ser humano, mas sem a intervenção dum médium. As diferentes fases que marcaram as minhas investigações foram longas e desanimadoras...

A minha perseverança foi enfim recompensada pela obtenção de alguns fenómenos. Retomei o meu trabalho variando as vibrações construtivas...

... Privado hoje de laboratório não posso prosseguir estas experiências.

... Servia-me de duas máquinas de electricidade estática, cujos pratos giravam em sentido inverso. A distância entre os pratos, e as posições respectivas destes últimos sofria variações... Num ponto entre os pratos cujo deslocamento era variável, formava-se um campo sensível. Uma membrana coberta de pó de licopódio e colocada no foco formava desenhos regulares, variando com a intensidade das ondas eléctricas.

Mais tarde intensifiquei as vibrações ajuntando-lhe: 1.º as da luz, (lanterna mágica orientada para o foco, com mudança da cor dos vidros); 2.º — as do som; um instrumento músico (os melhores resultados foram obtidos com um órgão), música clássica e religiosa (meditação de Bach, cânticos, etc.); 3.º — As de perfumes — fumaças com os perfumes usados pela magia. Nestas condições obtive por muitas vezes, formas humanas e animais (parciais primeiramente e duas vezes completas), que se formavam no citado campo. Obtive três provas fotográficas muito nítidas destas formas:

As experiências que precedem, permitem-me afirmar:

1.º — Que pude obter a ressonância do mundo inteiro astral pelas vibrações do mundo físico;

2.º — Que os resultados obtidos não pertencem ao domínio da imaginação ou da alucinação;

3.º — Que é preciso admitir que, por vibrações complexas, se podem obter fenómenos análogos aos que são obtidos com o auxílio dum médium.»

Quem sabe pois se se conseguirá muito em breve obter um meio físico que pelas suas condições permita a eclosão de manifestações supranormais inteligentes em que o médium desempenhe apenas um papel de transformador de vibrações ambientes, humanizando-as?

Uma profecia trágica — A revista «*Rosendo*», órgão do centro espírita cubano do mesmo nome, publica o seguinte caso:

Júlio António Melo, estudante no México, tinha tomado parte em algumas tentativas revolucionárias nessa cidade. O seu delito não estava perfeitamente averiguado, mas êle foi prêso, correndo o grande risco de ser fuzilado. O centro espírita *Rosendo*, tendo conhecimento dêste facto e acreditando que se poderia provar a inocência de J. Melo, escreveu ao Presidente da República Mexicana, pedindo a sua indulgência para o jôvem prisioneiro.

Entretanto Melo recusava-se a tomar qualquer alimento. Decorridos vinte dias estava extremamente enfraquecido e ainda a justiça nada tinha decidido sôbre a sua sorte.

O centro *Rosendo* teve então uma sessão com o médium Eusébio Pereira, na esperança de obter alguma comunicação do Além a respeito do prisioneiro. Manifestou-se um espírito que fez a seguinte declaração: *Melo não morre da sua abstinência voluntária. Será posto muito brevemente em liberdade, mas será morto por causa das suas idéas revolucionárias. Será vítima das balas assassinas.*

Soube-se pouco depois no México que o mancebo foi absolvido e posto em liberdade; mas poucos dias mais tarde foi assassinado a tiros de revólver por pessoas que não lhe podiam perdoar as suas idéas revolucionárias, realizando-se inteiramente a profecia do espírito.

Vemos assim que a previsão de acontecimentos futuros pode provir da informação de seres desincarnados que, por nós se interessam, do além. Não podemos porém deixar de pôr em relêvo os perigos que há em procurar intencionalmente obter indicações por pessoalmente nos digam respeito. São inúmeros os casos de mistificação que arrastam por vezes as vítimas a situações difíceis e angustiosas. A curiosidade egoísta é altamente prejudicial no estudo e análise dos fenómenos psíquicos.

Um curioso book test — O nosso amigo sr. Pascal Forthuny, célebre metagnono a quem muitas vezes nos temos referido, fez há pouco uma viagem a Inglaterra e tendo visitado o «*British Museum*» como conta na «*International Psychic Gazette*» de Julho, teve o desejo de analisar alguns dos magníficos documentos da Biblioteca, referentes à campanha da Rússia de Napoleão. Percorrendo a estante em que estavam colocados os 50 manuscritos que figuravam no catálogo, entre os quais seria quási impossível achar o que desejava, deixou a sua mão ser inconscientemente guiada, pousando-a num dêsses manuscritos. Abrindo-o na página que a sua intuição inconsciente lhe indicava, leu o seguinte: «*Cartas dos soldados no exército de Napoleão interceptadas na Rússia durante a guerra de 1812*».

Será esta interessante experiência devida exclusivamente à clarividência do sr. Fhorthuny?

Não nos parece. Afigura-se-nos que neste caso a sua mão deveria ter sido guiada por força consciente, excluindo a hipótese, pouco admissível, duma mera coincidência.

Não será absurdo supôr que naquele momento o sr. Forthuny tivesse uma revivescência das faculdades que lhe permitiram escrever automaticamente longas mensagens, algumas até da direita para a esquerda, apenas legíveis num espêlho, na fase que antecedeu a notável clarividência que agora possui.

Uma notável clarividente francesa — M.^{me} Carita Borderieux publica na «*Psychica*», o relato de duas experiências em que foram postas à prova as faculdades metagnômicas aloscópicas de M.^{me} Turck. Este notável médium começou a ser desenvolvido por H. Durville e trabalha agora na União Espírita Francesa, tendo sido convidada ultimamente pelo Instituto Metapsíquico Internacional para várias experiências comprovativas dos seus dotes medianímicos.

M.^{me} Borderieux ao visitá-la levava consigo dois envelopes, contendo um dêles alguns pêlos do seu notável cão Zou, exemplo vivo das faculdades intelectivas dos animais, e o outro, uma madeixa de cabelos duma sua amiga, de saúde profundamente abalada por uma grave doença. Em presença dos pêlos de Zou, M.^{me} Turck palpa-os demoradamente e de repente, a-pesar-de desconhecer por completo o cão, descreve vários achaques de que êle tem sofrido, um eczema com queda de pêlo, uma doença de olhos que incide principalmente sôbre o ôlho esquerdo, ao contrário do que M.^{me} Borderieux afirmava, eliminando, portanto, essa divergência, a hipótese de transmissão do pensamento.

A palpação dos cabelos do segundo envelope faz descrever à vidente uma senhora de 32 anos, nervosa, de cabeça perturbada, prevendo que terá uma ferida interior que lhe parece do rim. Vê o sangue dessa pessoa infectado e tem a impressão de que ela está perigosamente enferma e morrerá dessa doença.

Todos estes dados foram confirmados tendo esta senhora falecido, como a vidente previra, pouco tempo depois da experiência.

A «*Psychica*» está fazendo um inquérito entre vários médiuns curadores cujo resultado será certamente muito interessante e permitirá um aproveitamento eficiente das faculdades curadoras.

BIBLIOGRAFIA

Le Vrai Message de Jesus, por Léon Meunier. Editions Jean Meyer, Paris: 12 francos.

Acabamos de lêr com inefável gozo espiritual êste notável livro de Léon Meunier que nos evidencia mais uma vez a tendência dos autores modernos para refazerem as biografias dos grandes vultos que a história do passado nos transmitiu, desfigurados na interpretação do seu significado moral pelo acervo de erros em que a tradição os envolveu, até entrarem nos domínios da História.

O autor desta nova e inconfundível biografia de Jesus, divisa através da tradição vetusta de 20 séculos, um Jesus descido à Terra, investido da sublime missão de revelar ao homem a sua natureza espiritual, a sua origem divina.

Superiormente iluminado, Léon Meunier bebe a largos haustos nas próprias palavras e actos de Jesus a doutrina crística expurgada dos acessórios acumulados à volta dêsse viático espiritual, exalçando-o na sua genuína pureza.

Para podermos compreender a sublimidade grandiosa dêsse admirável livro em tôda a sua simplicidade, basta que nos libertemos da pressão exercida sôbre o nosso mental pelas opiniões alheias; que sacudamos do campo do nosso automatismo o hábito inveterado e servil de orientar o nosso pensamento pela corrente de idéas das gerações que nos precederam; que submetamos a um critério esclarecido no nosso foro interior, a imagem da verdade, despojada do véu que a desfigura, atentos à voz do maior instrutor da humanidade — Jesus, que nos ensina o caminho da verdadeira felicidade no verdadeiro amor.

Pourquoi je crois à l'Immortalité personnelle por Sir Oliver Lodge. Editions Jean Meyer, Paris: 10 francos.

O último livro de Sir Oliver Lodge apresenta-nos uma argumentação tão logicamente deduzida de factos autênticos, que após a sua leitura somos assaltados pelo pesar de não dispormos do tempo necessário para o reler de novo atentamente, a-fim-de melhor nos penetrarmos da elevação dos seus conceitos e mais fundamente nos impregnarmos do sentimento que o vitaliza — a fé nos destinos espirituais da humanidade.

Esta obra, escrita por um dos sábios mais categorizações da Terra, o notável físico inglês cujas descobertas, particularmente nos domínios da electricidade, são admiradas e confirmadas mesmo nas universidades onde a orientação do ensino é materialista, é um vivo testemunho da probidade científica do seu autor.

As suas afirmações, baseadas em factos averiguados, corroboram a nossa crença na

imortalidade da alma, justificam a distinção que todos aqueles que sabem vêr com os olhos espirituais fazem imediatamente entre o veículo e o agente que lhe imprime movimento, entre o instrumento e o artifice, entre a substância material do cérebro e a razão que orienta o pensamento e a vontade.

Parafraseando Sir Oliver Lodge diremos para concluir: Um organismo dissecado contém analiticamente músculos, ossos, nervos, vasos, um mecanismo prodigioso. Mas nem o mais potente microscópio aí descobre a força que utilizava e dirigia essa matéria diferenciada para se revelar, o espírito que lhe determinava as manifestações.

Venham à luz muitos livros como êste para nos desprenderem da futilidade dos nossos passatempos, atraindo-nos a atenção para o alvo luminoso que nos mostra o destino reservado a tôda a humanidade.

A. C.

Publicações recebidas: — *Per Viaggiare in Astrale e svilopare la chiaroveggenza e ie facolta latenti*, pelo prof. Luigi Bellotti L. 20. Casa Editora Leonardo de Vinci. Veneza.

Proceedings of the National Laboratory of Psychical Research. Edição própria 15 sh.

Pensée et Volonté, por E. Bozzano. Editions Jean Meyer. Paris. 9 francos.

Alarico de Anteguera, romance mediúnico. Edição de Amaury Fonseca. S. Paulo, Brasil.

Memórias duma Alma, romance mediúnico. Ed. Amaury Fonseca. S. Paulo, Brasil.

Soror Olympia, conto espírita por Amaury Fonseca. Ed. do autor.

Maria das Dores, fantasia espírita por Amaury Fonseca. Ed. do autor.

Palavras do Infinito, obra póstuma por Max. Ed. Amaury Fonseca.

Sociologia Doctrinal (ocultismo sociológico), por José Alvarez y Gasca. Edições L. U. S. México.

La Genesis de las Creencias, por José Alvarez y Gasca. Edições L. U. S. México.

Bosquejo de la Sciencia que substitue a las religiones, por José Alvarez y Gasca. Ed. L. U. S. México.

O Amor tudo consegue, romance por D. Maria O'Neill. Edição de José Pereira de Lima — Preço 13\$00.

Acabamos de receber êste livro que, segundo nos consta, está destinado a despertar o maior interesse no meio espírita português, visto tratar-se da romantização duma história verdadeira a que a nossa ilustre confrade, sr.^a D. Maria O'Neill, deu por certo aquele brilho que o seu notável talento literário costuma dar a todas as suas produções.

Apreciá-lo-hemos na devida altura quando o tempo, que tanto nos escasseia, nos tenha permitido o prazer da sua leitura.

NOTICIÁRIO

Conferências doutrinárias e sessões experimentais na sede da F. E. P. — Na sede da F. E. P. realizaram-se nos dois últimos meses as seguintes conferências doutrinárias e sessões experimentais:

Junho:

Dia 2 — Sob a presidência do sr. Aires Vaz Raposo, realizou-se a conferência «*Sessões espiritistas*» — António L. Vilela.

Dia 9 — Sessão experimental. Director: D. Maria O'Neill; médiuns, J. P. L. e I. F.

Dia 16 — Sob a presidência da sr.^a D. Quintina do Carmo Sales e Silva realizou-se a conferência «*Demonstração experimental da sobrevivência humana pelos casos de identificação espirita; insuficiência explicativa das hipóteses metapsíquicas*» — António L. Vilela.

Dia 23 — Sessão experimental. Director: António L. Vilela.

Dia 30 — Sob a presidência da sr.^a D. Amélia Ferreira Grilo, realizou-se a conferência «*Centros de força psíquica e influência mental*» — D. Maria O'Neill.

Julho:

Dia 7 — Sessão experimental. Director: D. Maria O'Neill; médiuns, J. P. L. e I. F.

Dia 14 — Sob a presidência do sr. Coronel José Augusto Faure da Rosa realizou-se a conferência «*Sobre a Imitação de Cristo*» — D. Maria O'Neill.

Dia 21 — Sessão experimental. Director: D. Maria O'Neill; médiuns, J. P. L. e I. F.

Dia 28 — Sob a presidência do sr. Aires Vaz Raposo realizou-se a conferência «*Clarividência*» — Pedro Cardia.

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas — Comunica-nos a Direcção deste Centro federado ter resolvido contribuir bimestralmente com a importância de 50 escudos, não se inscrevendo com uma importância mais elevada em virtude do estado precário dos seus recursos financeiros.

Aos nossos dedicados confrades do Pôrto que sabem apreciar bem o valor da propaganda escrita e o esforço que a Federação tem realizado enviamos os nossos sinceros agradecimentos.

Centro Espírita «Luz» — Iniciou as suas conferências públicas de propaganda do Espiritismo este importante núcleo espírita de Coimbra, as quais têm decorrido com notável brilhantismo no meio duma numerosa e selecta assistência.

As últimas conferências realizadas foram:

«*Alguns aspectos do Espiritismo*» — António Gonçalves Granadeiro,

«*Lutemos com caridade*» — Dr. Artur Pratas (médico).

«*A moral do Espírita*» — Angelo Lameiras.

«*Maurício Maeterlinck perante o Espiritismo*» — Dr. Alfredo Gomes.

«*Ética*» — Dr. Macário Ferreira.

Centro Espírita de Leiria — Continuam a despertar o máximo interesse as sessões públicas experimentais que se realizam na sede deste Centro e estão constituindo um excelente meio de propaganda.

«**Voz do Além**» — Este interessante jornal mensal de distribuição gratuita, órgão do Centro Espírita «*Reflexos da Verdade*», completou, em Junho findo, mais um glorioso aniversário. Estrénuo defensor da Causa Espírita, apresenta-se com bom aspecto gráfico e colaboração variada. Fazendo votos por longa vida, enviamos-lhe as nossas fraternais saudações.

União Espírita Alentejana — Prosseguem activamente os trabalhos preparatórios para a convocação da 1.^a Reunião Magna dos Espíritas Alentejanos, que deve lançar a base da *União Espírita Alentejana*. Os nossos confrades de Albernoa, Almodovar e Campo Maior já procederam ao recenseamento espírita dos respectivos concelhos.

Uma gentil e valiosa oferta do prof. Ernesto Bozzano — Este eminente escritor, uma das mais brilhantes mentalidades do espiritismo contemporâneo, acaba de conceder gratuitamente à Federação Espírita Portuguesa os direitos de autor para a tradução em português das suas excelentes obras: — «*Les Enigmes de la Psychometrie et les Phenomènes de Telesthesie*», e «*La Crise de la Mort dans les descriptions des defunts qui se communiquent*».

Aqui deixamos consignado todo o nosso reconhecimento não só pelo valor da oferta, mas também pelo seu alto significado moral.

Publicações da F. E. P. — Completou o 1.^o ano de existência «*O Mensageiro Espírita*», jornal ilustrado de distribuição gratuita aos sócios da F. E. P. que tanto em Portugal como no Brasil tem obtido a melhor aceitação.

— Está em distribuição a 2.^a folha volante, com 8 páginas, intitulada «*Catolicismo e Espiritismo*», cuja 1.^a tiragem foi de vinte mil exemplares.

— Vai ser distribuído brevemente um novo folheto sob o título «*A Vida é Eterna*» cuja 1.^a edição conta vinte mil exemplares. Envia-se gratuitamente a quem o pedir à Federação.

« **A Morte é Vida** » — Agradecendo aos nossos colegas da imprensa as suas gentis referências a esta publicação da F. E. P. registamos algumas apreciações :

De « *Voz do Além* » — Beja :

« **A MORTE É VIDA** » — Como no passado número noticiámos, recebemos o admirável folheto de propaganda espirita « *A Morte é Vida* », edição da Federação Espirita Portuguesa. O pequeno opúsculo de 24 páginas, e de bem cinzelada prosa, teve uma tiragem de 7.000 exemplares, o que bem prova o valoroso esforço que aquela florescente organização espirita está a dispendar em prol dos nossos ideais de amor e perfeição. Em fulgurante e sugestivo estilo, o seu autor conseguiu naquelas poucas páginas realizar o seu fim : — uma larga, clara e convincente propaganda da Causa Santa que defende, — e cujos princípios, com brilho, veem norteando a sua vida já nobre exemplo imitável de dedicação, orientação e trabalho.

A modéstia do nosso amigo, leva-nos apenas a esta modesta apreciação, aliás justa, do seu belo trabalho, recomendando a sua leitura a todos os nossos leitores, como manancial de conhecimentos, consolação e fé.

Com o desejo duma distribuição profusa da presente edição e de outras que se façam do precioso livrinho, vão os nossos mais entusiásticos louvores tanto ao seu autor como à F. E. P., tão digna do aprêço, colaboração e auxílio de todos os espiritas portugueses ».

De « *Ecos do Além* » — Lagoa, Algarve:

« Acabamos de receber uma nova publicação de distribuição gratuita, editada pela Federação Espirita Portuguesa. Intitula-se *A Morte é Vida*, belíssimo trabalho da autoria dum confrade estudioso e inteligente, que modestamente se encobre com as iniciais A. L. V. Felicitemo-lo sinceramente, bem como à Federação Espirita Portuguesa, por mais esta proveitosa obra de divulgação espirita, e muito agradecemos o exemplar que o autor teve a amabilidade de nos oferecer ».

De « *Alma e Coração* » — Belem (Pará) Brasil:

« **A MORTE É VIDA** » — Editado pela « *Federação Espirita Portuguesa* », o folheto de 24 páginas, cujo nome encima esta notícia, é de tal beleza de estilo, a bordar de florações soberbas a grandiosa verdade da existência de Deus e sobrevivência do sêr após a Morte, firmando-se nos factos autênticos das materializações dos espiritos vistos e controlados por sábios de reputação firmada, que, não fôra repetir o livro inteiro, para o que

nos falta espaço, o nosso desejo seria transcrevê-lo na íntegra.

Enlevados, porém, no encanto profundo da leitura, transportamos para nós os períodos esparsos, aqui ou ali, respigados dentre o conjunto magnífico, e abrimos-lhes as nossas primeiras colunas ».

Um gentil convite — Por intermédio do Delegado Geral desta Federação, no Brasil, o nosso dedicado confrade sr. António José Alves, um grupo de espiritas brasileiros teve a gentil deferência de convidar a senhora D. Maria O'Neill e o sr. Dr. António J. Freire ou, na sua impossibilidade, o sr. António L. Vilela a fazerem uma viagem de confraternização e propaganda a Maceió (Estado de Alagoas). Este cativante convite visa especialmente intensificar os laços de afectuosa fraternidade espiritista Luso-Brasileira que a Federação Espirita Portuguesa tem cultivado desde o seu início com o mais desvelado carinho e cujos esforços têm sido admiravelmente correspondidos pelos nossos queridos Irmãos brasileiros a quem esta Federação deve assinalados serviços de desenvolvimento e expansão.

Ao nosso prezado confrade brasileiro sr. Francisco Fialho, um dos mais devotados amigos desta Federação e digno Presidente da Comissão Brasileira Pró-Federação Espirita Portuguesa do Estado de Alagoas, endereçamos as nossas mais gratas saudações pela sua cativante iniciativa.

« **Luz e Caridade** » — Com o seu número de Junho entrou no 13.º ano de existência esta interessante revista de distribuição gratuita, órgão do Centro Espirita de Braga. A sua já longa existência é um nobre exemplo de dedicação e perseverança, por parte dos seus mantenedores e orientadores, que nos apraz registar. As nossas felicitações.

Apreciação honrosa — Transcrevemos da Revista « *Ecos do Além* », de Lagoa, uma carta dirigida ao Director daquela Revista, o nosso dedicado confrade sr. José Francisco Cabrita, que em extremo nos sensibilizou pelos termos cativantes em que está redigida e que demonstram mais uma vez a dedicação e devotado amor do nosso abnegado Confrade sr. António José Alves, à nossa Causa e à Federação Espirita Portuguesa:

« *Muito prezado Amigo e estimado Confrade J. F. C.* — Tenho lido com prazer nas revistas espiritas de Portugal, o lindo movimento de propaganda da grande Doutrina, intensificado pela Federação Espirita Portuguesa, cuja obra de confraternização e de divulgação do nosso Ideal tem sido altamente apreciada e comentada com entusiasmo dêste lado do Atlântico.

A « *Revista de Espiritismo* » está classificada em todo êste formidável Brasil como uma das melhores do Mundo e a melhor da língua portuguesa.

Oxalá que esse Portugal lendário e heróico, pátria querida de grandes gigantes do pensamento que immortalizaram a raça lusitana, possa prosseguir sempre intemerato, na vanguarda do progresso, em demanda de seus destinos gloriosos.

A « Revista de Espiritismo », honra muito Portugal; e estou certo de que ela muito influirá no erguimento espiritual do povo português que nesta época de dores, descrenças e revoltas, não é abandonado pelos espíritos iluminados dos seus santos e heróis, que se estarem lá do invisível a inspirarem e a orientarem a F. E. P. — que representa o movimento espiritualista da nossa Pátria. Graças à minha acção e actividade coadjuvada por meia dúzia de confrades abnegados, a « Revista de Espiritismo » portuguesa, já é lida pela quasi totalidade da fina elite espirita do Brasil. De dia para dia aumenta o número de sócios e de centros espíritas que se vão filiando à nossa Federação E. P. O movimento fraternista está iniciado lindamente por todos estes Estados do Norte e alguns do Sul, prometendo para o futuro um verdadeiro successo em todo este imenso Brasil — que muito poderá vir a coadjuvar Portugal a prosseguir na sua luminosa epopeia.

Aqui por estas longinquoas plagas do Maranhão, Pará e Amazonas por onde tenho viajado ultimamente, o Espiritismo está caminhando também a passos largos, e a própria imprensa diária e profana que há um ano ainda estava sob a influência do Padre, evitando publicar notícias sobre a imponente e variada fenomenologia espirita, já rompeu definitivamente com o receio e preconceito tolo, e hoje é com alegria que vejo diariamente nos principais jornais destas cidades, grandes e belos artigos sobre a grande Doutrina Espirita. O mais importante diário desta capital do Maranhão, tem transcrito os mais belos artigos da « Revista de Espiritismo » portuguesa, inclusive as respostas ao inquérito que a revista tem publicado, e isto muito honra a nossa Federação e Portugal. — *António José Alves*.

Propaganda espirita—Do importante diário do Pôrto «O Primeiro de Janeiro» de 19 de Abril findo transcrevemos a seguinte apreciação sobre a notável conferência espirita que o sr. Dr. António J. Freire realizou naquela cidade a convite da *Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas*:

Uma conferência interessante

«O Espiritismo e a Evolução religiosa»,
pelo dr. António J. Freire

O salão nobre do Centro Comercial do Pôrto foi na última terça-feira literalmente pejado por um público selecto, que ali acorreu em massa, movido pela curiosidade de escutar o médico e notável homem de sciência de Lisboa, sr. dr. António J. Freire. Na verdade, a expectativa

dos nossos intellectuais e dos interessados no sugestivo problema espiritualista, foi amplamente satisfeita. Professores, homens de letras, académicos, muitas senhoras, todo o público, de resto, ouviram religiosamente a exposição do dr. António Freire, que é um orador fluente e brilhantissimo.

Formada a mesa, tendo na presidência o distinto filósofo e professor da nossa Universidade, sr. dr. Leonardo Coimbra e como secretários, os srs. drs. Amílcar de Sousa e Artur Medina, o presidente, num breve discurso de apresentação, pôs em foco, com um cunho de grande isenção pessoal, a importância dos estudos metapsíquicos e metafísicos e a evidência dos fenómenos espiritoideis, hoje interessando tão profundamente a mentalidade de quasi todos os povos. Referiu-se ao conferente e teceu-lhe os maiores encómios, como estudioso porfiado, e investigador escrupuloso que é.

Este, começando a sua dissertação, apoiou-se nas palavras do dr. Leonardo Coimbra e traçou magistralmente a fisionomia do espiritismo moderno, demonstrando a autenticidade dos fenómenos espíritas, hoje irrefutáveis — diz. Analisou as correntes neo-espiritualistas e dissertou com profusos conhecimentos sobre as diversas orientações seguidas. As imagens que apresentou foram fulgurantes e os argumentos que aduziu deixaram o auditório num «frisson» de curiosidade. Explicou as teorias metapsiquistas mais eminentes, apoiando-se nos depoimentos dalguns sábios, como o Conde de Rochas de Aiglun, os drs. Aksakoff, William Crookes, Charles Richet, Lombroso, Roux, etc. Falou na exteriorização do corpo astral. Descrevendo os conceitos binário e ternário sobre o composto humano, apresentou uma curiosa imagem tendente a provar como o corpo fisico (sarcosoma) está em intima ligação com o espírito por intermédio do mediador plástico (perispírito). Teve para a sciência contemporânea palavras de admiração entusiasmado quando abordou a inanidade dos esforços da sciência materialista, pelas concepções erradas que constantemente formula no campo do supranormal.

O assunto das religiões mereceu-lhe uma análise demorada. — O iniciatismo antigo — disse — era uma resultante da perigosa ignorância do vulgo. Todas as religiões — acrescentou — tem a fenomenologia espirita bem evidenciada. Evocou Platão e todos os grandes iniciados da antiguidade. Depois entrou na lei reencarnacionista, a lei básica do neo-espiritualismo. A pluralidade das existências sugeriu-lhe palavras criteriosas. A injustiça e a desigualdade humanas — afirmou — são os corolários da lei imutável e eter-

na da Evolução universal. Deista, expõe brilhantemente o problema divino.

No capítulo da «causalidade» disse nada ser fruto do acaso, tudo ser o efeito duma causa. A argumentação seduziu pelo brilho de que se revestiu e pela lógica fria de que o conferente por vezes fez arma segura para destruir as suas próprias contra-hipóteses.

Referindo-se à evolução religiosa disse não poder demorar-se neste tema importantíssimo por não ser possível sintetizá-lo no breve espaço de tempo de que dispunha. Portugal, quanto à sua opinião autorizada, marcha com 20 a trinta anos de atraso em relação aos outros países onde a Metapsíquica e o Espiritismo se teem grandemente desenvolvido. Abordou o erro antropomórfico das religiões e colocou-as delicadamente, sem ferir quaisquer susceptibilidades, em face do espiritismo moderno. Por fim, apresentando criteriosamente, os perigos que o empirismo espirita mal orientado pode promover, e demonstrando que o Espiritismo caminha num incremento notável, expôs a lei áurea do Amor — código moral de formidável alcance.

Ao terminar, estrugiu uma salva de palmas prolongada e vibrante, sendo o conferente cumprimentadíssimo por muitos assistentes e pelo sr. dr. Leonardo Coimbra, que, após algumas brilhantes considerações, deu por encerrada a sessão.

Esquecia-nos acrescentar que esta conferência nobilíssima a todos os respeito, foi promovida pela «Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas», novel agremiação desta cidade que se está dedicando ao estudo neo-espiritualista e possui entre os seus associados um avultado número de intelectuais.

A esta bela conferência outras oportunamente se seguirão. O sr. dr. António J. Frêre, que falou na Figueira da Foz e em Coimbra, regressa hoje à Capital.

Participações — Elegeram últimamente os seus novos corpos gerentes, e tiveram a gentileza de nos comunicar a sua constituição, as seguintes colectividades espiritas:

Grupo Espirita Dr. Manuel António da Cruz — Maceió, Brasil.

Centro Espirita Alagoano «Melo Maia» — Maceió, Brasil.

Centro Espirita «Anibal Cardoso» — Maceió, Brasil.

Associação Espirita Caminho da Verdade — Campinas, Brasil.

Grupo Espirita «Perseverança» — Itabuna (Bahia), Brasil.

Aos dignos dirigentes de todas estas colectividades endereçamos as nossas fraternais saudações.

«A Luz» — Completou mais um aniversário este interessante jornal de propaganda espirita que se publica em Maceió, Brasil, sob a direcção do nosso ilustre confrade sr. Francisco Fialho, dedicado amigo da F. E. P. Endereçando-lhe as nossas fraternais saudações fazemos sinceros votos pelas suas muitas prosperidades, para que possa prosseguir, por longos anos, na sua bela sementeira.

O Espiritismo em França — O Boletim da *Union Spirite Française* de Junho findo publica um extenso relatório do ilustre Secretário Geral daquela colectividade, sr. Hubert Forestier, por onde se pode avaliar bem do extraordinário desenvolvimento que o Espiritismo vai tomando neste país. As sociedades espiritas aderentes à U. S. F., em número de 40, trabalham activamente na expansão do nosso Ideal, quer por meio de sessões experimentais quer promovendo conferências públicas. Os vastos salões da *Maison des Spirités* são insuficientes para conter o enorme público que acorre às conferências que ali se realizam quinzenalmente, o que revela o grande interesse que o Espiritismo está despertando. Do mesmo modo as palestras semanais organizadas pelo sr. A. Ripert têm também numerosa assistência.

— A *Union Spiritualiste du Sud-Ouest*, com sede em Bordeus, recentemente constituída sob a presidência do eminente cientista Dr. Maxwell, tornou-se um brilhante núcleo de propaganda de cuja actividade muito há a esperar.

— O patronato do *Circulo Allan Kardec*, de Rochefort-Sur-Mer, conta actualmente 30 crianças.

— O *Grupo Allan Kardec*, de Lyon, a cidade natal do grande apóstolo do Espiritismo, sustenta um Orfanato dirigido por M.^{me} Malosse, obra de alto valor filantrópico em que é ministrada a educação espirita. Além do «Orfanato Allan Kardec» funciona regularmente um vestiário sob a direcção de M.^{lle} J. Allemand que no inverno último defendeu numerosos velhos dos rigores do tempo.

— A «*Revue Spirite*» que traz habitualmente variada e interessante colaboração original está publicando há vários números duas monografias de altíssimo valor. Referimo-nos à «*La Crise de la Mort dans les descriptions des défunts qui se communiquent*» do insigne professor Ernesto Bozzano e «*Le Verbe Créateur*» do distinto engenheiro Henri Azam.

— Promovida pela *Union Spiritualiste du Sud-Ouest*, realizou-se em Bordeus uma conferência espirita sob o tema «*A grande transformação*» pelo sr. A. Ripert, que foi muito aplaudido ao terminar.

— O sr. Edmond Wiétrich desenvolveu o tema «*Reincarnação*» numa conferência que efectuou em Paris na *Maison des Spirités*, recebendo os mais vibrantes aplausos.

— O sr. Morice realizou na *Maison des*

Spirites a sua última conferência sôbre «*As Maravilhas da Astronomia moderna*».

O Espiritismo no Brasil — Em Sant'Ana do Livramento (Rio Grande do Sul) constituiu-se um novo grupo espirita denominado «*Léon Denis*».

— Também em Manaus se fundou outro núcleo espirita sob o nome de *Circulo Espirita «Caritas»*.

— A idea da fundação dum *Liceu Espirita* em S. Paulo, apresentada pelo sr. Joaquim Alonso do Amaral tem sido geralmente bem acolhida trabalhando-se já com grande entusiasmo para dar realização a tão grandioso empreendimento. Espera-se que dentro em breve comece a funcionar este Liceu, sucedendo-se-lhe a criação de outros.

— Em fins de Abril último desincarnou o nosso ilustre Confrade sr. José Machado Toísta, trabalhador incansável, jornalista distinto, e dedicadíssimo amigo da Federação Espirita Portuguesa. O alto conceito em que era tido ressalta eloquentemente das saudosas referências que tóda a imprensa espirita brasileira lhe tem feito. A sua vida foi sempre um nobre exemplo de abnegação e de trabalho cheia de episódios da mais elevada beleza moral. Os espiritas portugueses compartilham com os seus irmãos brasileiros da mesma saudade. A família dêste nosso querido amigo dirigiu a F. E. P., em carta particular, a expressão dos seus sentimentos.

— A Federação E. Brasileira vai editar mais uma novela, «*Redenção*», obtida psicograficamente pela médium sr.^a D. Zilda Gama e atribuída a Victor Hugo. Ao mesmo médium se deve a obtenção das interessantes novelas «*Na Sombra e na Luz*» e do «*Calvário ao Infinito*».

— Continua a fazer-se o registo geral das sociedades espiritas existentes em território brasileiro encontrando-se já inscritas 255, número êste que bem revela a extraordinária expansão que o Espiritismo tem na grande República irmã.

— «*A Luz*», de Maceió, sob o título «Um Apóstolo» presta uma sentida homenagem ao nosso venerando presidente Dr. Afonso A. Martins Velho, recentemente falecido.

O Espiritismo em Espanha — As conferências realizadas no Ateneu de Lérida pelo Dr Humberto Torres tiveram grande repercussão nos meios intelectuais.

— O conferencista sr. Lino Garcia realizou uma interessante conferência, sob o tema «*O Espiritismo e a Astronomia*» perante numerosa assistência, à qual se refere elogiosamente a imprensa de Algeciras.

— Efectuou-se no dia 26 de Maio findo no *Centro La Buena Nueva* com notável brilhantismo, um festival literário-musical em homenagem à memória da ilustre escritora espirita D. Amália Domingo Soler. Tomaram parte nesta festa representantes de vários centros espiritas tendo presidido o professor Asmára, Presidente da F. E. E.

— O nosso ilustre confrade sr. Dr. António J. Freire que se encontra em Madrid em viagem de estudo tem realizado várias conferências no *Centro de Estudos Psicológicos «Platon»* e no *Centro Espirita «Hacia la Luz»* daquela cidade.

— Por deliberação unânime da Assembleia Geral do *Centro de Estudos Psicológicos «Platon»* de Madrid, foi eleito Presidente honorário daquele centro o sr. Dr. António J. Freire.

— A revista «*Hacia la Igualdad y el Amor*» mudou a sua sede para a *Calle Concordia, 87-91 — Barcelona (Espanha)*.

O Espiritismo na Argentina — No salão de «*Constancia*» realizaram-se ultimamente as seguintes conferências:

«*O Enigma da vida e da morte à luz do Espiritismo*» — Ario Rinaldini.

«*Demonstração da imortalidade e evolução da alma*» — Carlos L. Chiesa.

«*Histerismo, Mediunidade, Psicô-análise*» — Elias Alvarez Montenegro.

«*A Mulher espiritista e a educação da família*» — Dr. Orealis Zamorano.

«*Livre arbitrio e determinismo*» — Manuel Porteiro.

«*Os fenómenos de Millésimo*» — Alfonso Depascale.

«*A ciência, a filosofia e a religião não devem excluir-se, mas unir-se na mesma preocupação de progresso*» — Francisco Durand.

«*A morte é um passo mais além no caminho do progresso infinito*» — Manio Rinaldini.

— Em Colón (Entre Rios) fundou-se uma nova associação espiritista sob o nome de «*Centro de Experimentos Medianímicos*».

— Na *Associação de Estudos Psicológicos «Dios y Progreso»* o sr. Manuel Tomiaz efectou uma conferência tomando para tema «*A mediunidade*».

O Espiritismo em Cuba — Entrou no IX ano de existência a revista «*Rosendo*» órgão do *Centro de Experimentacion y propaganda Espiritas* de Matanzas tendo melhorado bastante a sua apresentação. As nossas felicitações.

O Espiritismo em Itália — Com a fundação da «*Associazione Spiritualista Italiana*» de que é Presidente o nosso ilustre Confrade Prof. Ernesto Bozzano, o Espiritismo entrou numa nova fase de intensa e fecunda actividade. Os interessantíssimos e extraordinários fenómenos ocorridos no Castelo Millésimo de que a imprensa largamente se tem ocupado, muito estão contribuindo para a expansão do Espiritismo neste pais.

— Faleceu o Professor Enrico Morselli, psiquiatra eminente autor da notável obra «*Psicologia e Spiritismo*», onde descreve algumas sessões com o célebre médium Eusápia Paladino, às quais assistiu.

Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa

(Para construção de edificio próprio)

Transporte—65.847\$00; BRASIL—*Rio de Janeiro:* Um Benemérito—25.000\$00; António José da Fonseca Moreira—10.000\$00; *Parnahyba, (Piauhy):* Dr. Francisco Moraes Correia—50\$00; *Victoria (Espírito Santo):* José Maria Valente Barbas—174\$90; ESPANHA: Federação Espírita Espanhola—500\$00; LISBOA: D. Honorina Cunha—33\$00 (por diversas vezes); D. Maria da Conceição Antunes—10\$00; D. Maximina Diniz—10\$00; José Chedas Bugarrim—100\$00; J. D. A. S.—100\$00; Augusto Grave—200\$00; Emilio Palet—100\$00; José Madeira da Conceição—10\$00; E. A. C.—50\$00; A. C.—50\$00; M. A.—20\$00; G. S. P.—20\$00; D. Maria da Conceição Gonçalves—30\$00; D. Maria do Carmo Carvalho Cardoso—60\$00; Carlos Quesada—15\$00; A. J. M.—30\$00; D. Maria de Jesus Soares Marques—40\$00; José António Marques—10\$00; Manuel Marques Morgado—100\$00; ALCOBACA: Fernando de Sá—50\$00; ALJUSTREL: António Inácio Sesudo—50\$00; BENAVENTE: Lista patrocinada pelo sr. Luiz Gonçalves de Carvalho—122\$50; BRAGA: Anónimo X—50\$00; CARCAVELOS: José Duarte Gomes—50\$00; COVILHÃ: Agostinho Barradas—100\$00; Francisco Silvestre Ribeiro—20\$00; PORTO: Alvaro de Magalhães—20\$00; Heitor Victor de Moraes—5\$00; Miguel Pinto Mota—5\$00; António Freitas Bernardes—5\$00; José de Oliveira Salgado—5\$00; Manuel da Silva Machado—5\$00; Anónimo—5\$00; António Moreira C. Dias—5\$00; Anónimo—5\$00; Anónimo—7\$50; Anónimo—5\$00; Narciso J. Carvalho—5\$00; Horta Pacheco T. Moura—5\$00; Norberto Filipe Borges—5\$00; D. Rocha—5\$00; Neto—10\$00; Francisco Rodrigues—5\$00; José Moreira—5\$00; António da Costa—5\$00; Teodorico de Sousa Malafaia—10\$00; Manuel António dos Santos—500\$00; Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas—360\$00; D. G.—50\$00; A. M.—20\$00; S. BRAZ DE ALPORTEL: Centro Espírita de S. Braz de Alportel—135\$00; TORRES NOVAS: Ezequiel de Assunção—100\$00; VILA NOVA DE CERVEIRA: António Barbosa—20\$00; Joaquim Rodrigues Teixeira—5\$00; Domingos Rodrigues Teixeira—5\$10; VILA VIÇOSA: António Rosado Perdigão—50\$00; Joaquim O. Espada Calapez—30\$00; MACEDO DE CAVALEIROS: Silva Gomes—10\$00; PONTA DELGADA: Grupo Espírita «Paz, Luz e Amor»—50\$00; ILHA DAS FLORES: António Luiz de Freitas—200\$00; CABO VERDE—*Praia:* Cor. Guedes Vaz—100\$00; Lourenço Tavares de Almeida—100\$00; *São Vicente:* Centro Espírita «Caridade e Amor»—200\$00; *Ilha do Fogo:* Agnelo Adolfo Avelino Henriques—113\$20; ANGOLA—*Quilengues:* João Maria de Sá Tenreiro—100\$00; *Mossâmedes:* Raul de Figueiredo—100\$00; *Sumba, Zaire:* José Pedro Balbino Dias—24\$00. **Soma 105.402\$10.**

Quantias subscritas num montante indeterminado

Lisboa: General Arnaldo C. Cabral de Quadros, trimestralmente, a partir de Abril de 1929 e até conclusão do edificio—50\$00; Dr. Indiveri Colucci, trimestralmente, a partir de Julho de 1929 e até conclusão do edificio—500\$00; *Pôrto:* João Gesta, trimestralmente, a partir de Janeiro de 1929—5\$00; José Ferreira Subtil, idem—5\$00; António dos Santos Socorro, idem—3\$00; Eduardo José Dias, idem—5\$00; Luar Pinho, mensalmente, desde Abril de 1929—20\$00; *Matosinhos:* Carlos Santos Anunciação, trimestralmente, a partir de Janeiro de 1929—5\$00; Pedro Joaquim de Barros, idem—5\$00; Salvador Jerónimo da Silva, idem—5\$00; Carlos Alberto Veiga, idem—3\$00; *Leça da Palmeira:* Francisco Moreira da Rocha Fontes, trimestralmente, a partir de Janeiro de 1929—3\$00; *Castro Marim:* Filipe de Jesus Afonso, mensalmente desde Abril de 1929—5\$00; *Cabo Verde—* Cidade da Praia: Pedro Monteiro Cardoso, semestralmente, a começar em 1929—1. dollar; *Angola—* Lobito: José Domingues, mensalmente, a começar em Maio de 1929—20\$00 angolares.

Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

Maio e Junho:

Eugénio Fernandes, New Bedford—36\$00; José de Brito Lisboa, S. Vicente (Cabo Verde)—20\$00; F. I. P., Brinches—2\$50; Dr. António da Cruz e Silva, Covilhã—50\$00; J. F. Furtado de Melo, Ilha do Pico—5\$00; João Maria de Sá Tenreiro, Quilengues, (Angola)—20\$00; Lino de Oliveira, Lisboa—4\$00; D. Francisca I. Pereira, Brinches—2\$50; Custódio Vera Cruz, Ilha do Sal, 15\$00; Firmino da Assunção Teixeira, Povoá de Varzim—400\$00; José Fernandes, Casevel—5\$00; Centro Espírita Mourense—60\$00; J. C. V.—200\$00.